

ORGANIZADORES

Márcia Maria de Medeiros

Luiz Alberto Ruiz da Silva

**reflexões sobre
o discurso biomédico
na revista Archivos
Rio-grandenses
de Medicina (1920)**

ORGANIZADORES

Márcia Maria de Medeiros

Luiz Alberto Ruiz da Silva

Reflexões sobre o discurso biomédico na revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina (1920)

| são paulo

| 2021



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela

Universidade Católica do Paraná, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Alexandre Antonio Timbane

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexandre Silva Santos Filho

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Aline Daiane Nunes Mascarenhas

Universidade Estadual da Bahia, Brasil

Aline Pires de Moraes

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Carolina Machado Ferrari

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Andre Luiz Alvarenga de Souza

Emill Brunner World University, Estados Unidos

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Beatriz Braga Bezerra

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Carla Wanessa Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Daniel Nascimento e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Aparecida Nascimento dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Delton Aparecido Felipe

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Doris Roncareli

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Emanuel Cesar Pires Assis

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbronito
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patricia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcisio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle - Canoas, Brasil</i>	Antônia de Jesus Alves dos Santos <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Adriana Flavia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Ariane Maria Peronio Maria Fortes <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>
Alessandra Dale Giacomini Terra <i>Universidade Federal Fluminense, Brasil</i>	Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>
Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Bianca Gabriely Ferreira Silva <i>Universidade Federal de Pernambuco, Brasil</i>
Alessandro Pinto Ribeiro <i>Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Donato Reche <i>Universidade Estadual de Londrina, Brasil</i>
Aline Marques Marino <i>Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aline Patricia Campos de Tolentino Lima <i>Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil</i>	Camila Amaral Pereira <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Ana Emídia Sousa Rocha <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>	Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Iara Silva Deus <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Ana Julia Bonzanini Bernardi <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Carolina Fontana da Silva <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Carolina Fragoço Gonçalves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil</i>
André Luis Cardoso Tropiano <i>Universidade Nova de Lisboa, Portugal</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
André Ricardo Gan <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Cíntia Moralles Camillo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Andressa Antonio de Oliveira <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>	Claudia Dourado de Salces <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cleonice de Fátima Martins <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Cristiano das Neves Vilela <i>Universidade Federal de Sergipe, Brasil</i>
Anne Karynne da Silva Barbosa <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Gouveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlerth Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeanne Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Maurício José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Laura Linck
Editoração eletrônica	Gabrielle Lopes Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagens da capa	lkatod, Rawpixel.com - Freepik.com
Revisão	Tascieli Feltrin
Organizador	Márcia Maria de Medeiros Luiz Alberto Ruiz da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre o discurso biomédico na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina (1920). Márcia Maria de Medeiros, Luiz Alberto Ruiz da Silva - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 97p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-247-6 (eBook)

1. Discurso. 2. Linguagem. 3. Biomedicina. 4. Medicina.
5. Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina. 6. Doença.
I. Medeiros, Márcia Maria de. II. Silva, Luiz Alberto Ruiz da.
III. Título.

CDU: 81'42
CDD: 400

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.476

SUMÁRIO

Apresentação	10
Prefácio	17
Capítulo 1	
Questões prosopográficas sobre a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina no ano de 1920.....	20
<i>Márcia Maria de Medeiros</i> <i>Luiz Alberto Ruiz da Silva</i>	
Capítulo 2	
Marcas da ironia no discurso biomédico: Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina - 1920	37
<i>Valéria Pereira da Silva Peraçolli</i>	
Capítulo 3	
Concepções sobre o Higienismo na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina no ano de 1920	51
<i>Mariane da Silva Costa</i>	
Capítulo 4	
Análise sobre o discurso em relação à doença a partir do editorial <i>Um caso de suor azul</i>, da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina	75
<i>Gustavo Bocon Lopes</i>	
Posfácio	93
Sobre os autores e autoras	95
Índice remissivo.....	96

APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. Ana Maria Colling¹

INTRODUÇÃO

É com imensa alegria que apresento este livro organizado por Márcia Medeiros e Luiz Alberto Ruiz da Silva. Esta alegria se dá por diversos fatores: pelos organizadores, pois sei de sua competência acadêmica e intelectual; pela temática analisada e pela generosidade em dividir uma obra com seus alunos e alunas. Não são todos intelectuais que se dispõem a abrir os caminhos da pesquisa com seus discentes.

A temática abordada no texto “*Reflexões sobre o discurso biomédico na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina (1920)*” faz parte da linha de pesquisa já anunciada na escola dos Annales sobre os novos objetos, novos problemas e novas abordagens em que a história tenta dar conta de outras questões além do político e do econômico. Neste texto o que fica evidente é a geografia do poder na construção e na enunciação de verdades e a resistência a ela, neste caso uma revista científica que circulou no Rio Grande Sul, no início do século XX.

¹ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pesquisadora da UNESCO na Cátedra Diversidade Cultura, Gênero e Fronteiras. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio realizado na Universidade de Coimbra, Portugal. Organizadora do Dicionário Crítico de Gênero, obra que recebeu o prêmio ABEU, na categoria Ciências Humanas no ano de 2016.

Durval Muniz de Albuquerque Junior em um brilhante texto intitulado “*O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*” atesta que a região serve de argumento de legitimação para o saber que é produzido em seu nome, numa operação circular de reconhecimento² e que falar de região implica em reconhecer fronteiras, em fazer parte do jogo que define o dentro e o fora: implica em jogar o jogo do pertencimento e do não pertencimento.

Durval se utiliza de Michel Foucault em seus estudos sobre poder/saber para lembrar que não há poder sem a produção correlata de um saber, não há espaços de poder que não sejam imediatamente espaços de saber e que devemos questionar os saberes que lhe deram forma, que lhe deram rosto. Um dado recorte espacial, é sustentado, explicado, justificado, legitimado por certas formas de saber, que se materializam em ações e discursos, práticas discursivas e não-discursivas. As relações de poder desiguais, hierarquizadoras, enunciam verdades.

Na análise da Revista “*Archivos Rio-Grandenses de Medicina*” é esta relação de poder/saber que demarca os textos. Os discursos sobre saúde, sobre os processos de doença, eram transmitidos como enunciações de verdade por dois estados que detinham o poder nesta área – São Paulo e Rio de Janeiro. A Revista surge como ruptura, fissura a estas práticas discursivas e não discursivas. Embora fosse a terceira escola médica criada no Brasil, a Faculdade de Medicina de Porto Alegre não fazia parte do eixo central no qual ocorriam as discussões e, também, não possuía papel central nas tomadas de decisão relativas ao discurso higienista que vigorava no país neste contexto.

O Rio Grande do Sul durante a República Velha possuía uma constituição e uma forma de governo “*sui-generis*” ao restante do país. Após a Proclamação da República em 1889 o estado edita sua

2 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. “O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região” *In: Revista Fronteiras*. Dourados: Editora UFGS, 2008. p. 2.

nova carta intitulada de Constituição Castilhistas, redigida por Júlio de Castilhos, com inspiração/influência do positivismo de Auguste Comte. O PRR (Partido Republicano Riograndense) instalado no poder do final do século XIX ao início do século XX, assume a ideologia positivista que tem como máxima seu lema Ordem e Progresso (ainda hoje inscrita em nossa bandeira nacional). A proposta de Comte baseava-se na ciência do progresso e da civilização³. Adotando uma perspectiva de obter o progresso econômico sem alteração da ordem social, que assegurava o domínio das classes conservadoras no estado.

De 1898 a 1928 Borges de Medeiros comanda o governo do estado gaúcho. Esta longevidade é possível pois a constituição permitia reeleições sucessivas. Durante o longo período de seu governo, foram construídos o Hospital São Pedro, o Arquivo Público, o Colégio Júlio de Castilhos, a Biblioteca Pública. Também foram fundadas quatro escolas superiores na capital – Direito, Engenharia, Medicina e Farmácia. Mas, apesar desses avanços, o Estado seguia com serviço de luz precário, sem esgoto cloacal e pluvial, com abastecimento limitado de água encanada.

É nesta conjuntura histórica, política e social que surge a “*Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*”, criada para ser o veículo científico para os estudos de medicina, e aqui analisada em suas publicações de 1920. A obra é composta de quatro capítulos demonstrando como o processo saúde-doença é apresentado em suas páginas no ano de 1920.

O primeiro capítulo escrito pelos organizadores do livro, Márcia Medeiros e Luiz Ruiz da Silva analisa as questões prosopográficas da Revista. Apresentam os professores Annes Dias, Mario Totta e Luis Guedes, membros da sociedade de Medicina de Porto Alegre. Até então, o Rio de Janeiro centralizava os estudos e pesquisas na área da

3 PESAVENTO, Sandra Jatayh. *História do Rio Grande do Sul*. 9ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

saúde, pela herança da vinda da família real portuguesa ali alocada e preocupada com as questões sanitárias. Os médicos envolvidos com a criação da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, membros da elite gaúcha, estão inseridos em um contexto nacional de preocupação com o higienismo e com o sanitarismo.

O texto analisa os primeiros artigos da revista sobre casos de doença, entendendo-a como um espaço de divulgação de pesquisas médicas consideradas curiosas, e uma tentativa de preservar a memória das patologias rio-grandenses, desvinculando-se de estudos de outros estados e/ou países. Os autores chamam a atenção para a relação entre Borges de Medeiros e a Faculdade de Medicina.

Segundo os autores, a análise prosopográfica permitiu construir as relações inerentes a este conjunto de sujeitos dentro de um determinado fenômeno político e social. Lembram que o primeiro curso de Medicina no Brasil foi criado no Rio de Janeiro em 1813, logo após, em 1815, é fundado na Bahia e somente em 1898 é criada a Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul (a primeira após a República).

O segundo capítulo, com o interessante título de *Marcas da ironia no discurso biomédico: Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina – 1920* é escrito por Valéria Peraçolli e historiciza o curso de medicina gaúcho, que tem como origem o Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, hoje UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Ao analisar a construção da importância da figura do médico, lembramos de Michel Foucault em suas análises de poder X saber. O médico possui um discurso sobre a verdade da vida e é responsável pelos limites entre a vida e a morte.

Demonstrando a contemporaneidade dos médicos que fazem parte da Revista, nas várias edições, em 1920, pós 1ª Guerra Mundial, são relatados casos médicos da Europa e Estados Unidos.

Como sugere o título, este texto tem como objetivo, através de relatos de humor e ironia, analisar o discurso biomédico a partir das seções *Emolientes e revulsivos* e *Emolientes e sedativos*, publicadas respectivamente nas edições de número 1 e 2 da Revista.

O terceiro capítulo do livro, *Concepções sobre o higienismo na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina no ano de 1920*, de autoria de Mariane da Silva Costa, relata as concepções de higienismo, movimento importante no início do século XX, na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina no ano de 1920. Após a Proclamação da República houve um entendimento de que algumas doenças e suas comorbidades constituíam obstáculo para o crescimento do Brasil, e, pela primeira vez na história do país, foram elaborados planos de combate às enfermidades que reduziam a vida produtiva da população.

Após relatar a história da Revista, destaca que a medicina desenvolvida pelo grupo de médicos que compunham a Sociedade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Medicina, inspirava-se no modelo britânico de medicina social. Segundo eles, apenas as pessoas com formação adequada deveriam atuar, pois do contrário, a sociedade corria um sério risco. No ano de 1920, sob a análise dos autores, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina publicou 05 edições com um total de 272 páginas escritas por profissionais que clinicam não só em Porto Alegre, mas também em cidades do interior.

Entre as medidas para melhorar a saúde da população, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, em seu número 03 aponta para a vacinação como uma maneira eficaz de prevenir enfermidades. Lembramos que a Revolta da Vacina ocorreu em 1904 no Rio de Janeiro, então capital do país, com a população descrente dos serviços públicos oferecidos pelas autoridades.

Entre os casos interessantes que o texto apresenta, destaca-se o alerta dos médicos para o vício da masturbação que, segundo

eles, pode evoluir para epilepsia, histeria, depressão e a poriomania (tendência impulsiva de se afastar de casa). Mas, mais do que isso, era ao controle dos corpos que estava em jogo, justificado pelo discurso médico científico. O texto apresenta, a nível de ilustração um quadro com as terminologias referentes ao discurso higienista publicadas na Revista dos números 01 ao 06.

O 4º e último artigo da obra aqui apresentada, trata do caso excêntrico de suor azul, de Gustavo Bocon Lopes com o título de *Análise sobre o discurso em relação a doença a partir do editorial “Um caso de suor azul”*, da Revista Archivos Rio-grandenses de Medicina.

Para tratar deste relato, Gustavo Lopes apresenta uma pequena biografia do médico Mario Totta, patrono da cadeira nº 49 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Ligado ao PRR e a Júlio de Castilhos, exerceu o cargo de Secretário Geral da Instrução Pública em seu governo. Teve a sua formação médica sob o surgimento o Instituto Adolfo Lutz em São Paulo e o Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, reconhecidos como centros de produção de conhecimento sobre saúde e doença.

Mário Totta assinou o editorial da Revista em março de 1920 relatando “um caso de suor azul”. Segundo o texto, Totta afirma que a literatura médica é sobremaneira deficiente no que se refere à cromidrose (que faz com que o suor seja das cores, azul, preto, verde, marrom) a partir de regiões do corpo como rosto, tronco e virilhas. “Aqui e ali, esparsas em obras de patologia geral, se encontram apenas, de par com a anotação de dois ou três casos, as clássicas citações do bacilo piociânico como fator azul” (TOTTA, 1920, p. 48).

Gustavo lembra da condição periférica do Rio Grande do Sul em relação ao eixo Rio-São Paulo, onde situavam-se os centros difusores do conhecimento relativo à ciência médica. Os médicos gaúchos estavam dispostos a situar a medicina do estado num espaço de

produção de saberes médicos. A publicação da Revista Archivos Rio-grandenses de Medicina era uma possibilidade desta inscrição.

Embalada pela leitura deste trabalho original, termino esta apresentação com as palavras de Roberto Machado em *O Nascimento da Clínica* de Michel Foucault: Como caracterizar essa transformação fundamental na organização do conhecimento médico e sua prática? Foucault responde que certamente na mudança de objetos conceitos e métodos.

Machado, traduzindo Foucault, fala do deslocamento histórico da medicina clássica para a medicina clínica – um saber sobre o indivíduo como corpo doente; o nascimento de uma medicina do espaço social, a consciência explícita da doença como problema político e do médico como autoridade fundada na competência de seu saber⁴. Certamente foram estes os objetivos dos responsáveis pela Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina e pelos autores destes textos que tentam analisá-la.

Este livro, proporcionado pelos pesquisadores e pesquisadoras do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS) além de trazer contribuições valiosas no campo estudado, servirá de estímulo para que demais pesquisadoras/es com seus alunos/as e/ou orientadas/os trilhem este caminho, socializando suas pesquisas, dando um retorno social aos seus estudos, ancorados pela epígrafe de Michel Foucault: “Seria bom poder discutir o que propus” (2001, p. XIII).

4 MACHADO, Roberto. In: FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

PREFÁCIO

Este livro nasceu do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, intitulado *Um Estudo sobre a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina Através da Perspectiva Cultural – Anos de 1920 e 1921*, e aprovado para execução pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da mesma instituição (PROPPI/UEMS).

O projeto teve como objetivo compreender o significado da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina para questões referentes ao entendimento do processo saúde-doença entre os anos de 1920 e 1921 no estado do Rio Grande do Sul, utilizando como aporte de pesquisa o periódico em questão, cuja circulação abrangeu os anos de 1920 até 1943. Entendeu-se neste contexto, que a Revista se revelou um elemento o qual permitiu compor um quadro que revelou informações importantes sobre as questões relativas ao processo saúde-doença, articulando constructos sociais e culturais em relação a ele.

Neste sentido, o presente trabalho se pauta em autores que pressupõe a doença para além do discurso biomédico, mas que a interpretam como algo que apresenta influência da conjuntura social, econômica, política e cultural, às quais constituem indicadores relativos ao processo saúde-doença em determinados momentos históricos. Entre esses pensadores estão Moacyr Scliar (2007) e Michel Foucault (1999, 2001, 2015) e Georges Canguilhem (2002).

A pesquisa nos permitiu perceber que, no que se refere ao ano de 1920, a totalidade dos médicos que publicou suas análises e pesquisas no periódico era oriunda da própria Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e que eles conviviam em um círculo bastante restrito

e específico que se desdobrava entre a Faculdade de Medicina e a Sociedade de Medicina da mesma cidade. Nestes espaços é que se construíam e se davam as relações entre os sujeitos que constituem este grupo e as pessoas doentes que alcançavam tratamento médico, seja nas suas clínicas particulares, seja na Santa Casa de Misericórdia.

Os 4 capítulos que compõem este trabalho buscaram revelar nas suas linhas como o discurso sobre o processo saúde-doença foi construído nas páginas da Revistas Archivos Rio-Grandenses de Medicina no ano de 1920, por estes médicos, analisando a maneira como eles articulavam as relações e as definições normativas em relação aos corpos que constituíam o seu objeto de ação.

Neste sentido foi possível perceber que, aos poucos, e à medida em que esse discurso se consolida, os sujeitos médicos constituíram-se em detentores de conhecimentos e práticas relativas à pesquisa em saúde, enfatizando a importância da educação formal para tanto, o que levou a desvalorização de qualquer outro tipo de conhecimento e prática em relação ao processo saúde-doença, que não fosse o tangenciado por eles.

Deixamos aqui, ao final deste prefácio, um agradecimento especial ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PROPPI/UEMS), pela bolsa concedida à Mariane da Silva Costa e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida à Gustavo Bocon Lopes. Sem esse incentivo, o presente trabalho não teria sido possível.

Organizador@s

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. 5ª ed, Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 5ª ed, São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *O Nascimento da Clínica*. 7ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCLIAR, M. *História do Conceito de Saúde*. Physis, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.



Márcia Maria de Medeiros

Luiz Alberto Ruiz da Silva

**questões prosopográficas
sobre a revista Archivos
Rio-Grandenses
de Medicina no ano de 1920**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.476.20-36

ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA: BREVE APRESENTAÇÃO

A Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina foi lançada em janeiro de 1920 e era “[...] órgão da Sociedade de Medicina de Porto Alegre” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01). Em seu editorial os redatores, todos eles professores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e membros da Sociedade de Medicina da mesma cidade; Annes Dias, Mario Totta e Luis Guedes, informam que: “[...] a necessidade de um jornal de medicina entre nós se justifica por si”⁵ (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

De acordo com os redatores do periódico, Porto Alegre se destacava então, no contexto nacional como um centro “[...] de vasto labor científico e aparelhado, com a multiplicidade dos seus estabelecimentos oficiais e particulares, para os largos estudos da medicina [...]” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01). No entanto, apesar de todo o aparato com o qual a cidade contava, na opinião dos professores, ainda carecia de um veículo científico para divulgar as descobertas dos pesquisadores da área. Essa dificuldade seria sanada com a criação da Revista.

Para Dias, Totta e Guedes, os pesquisadores da área da saúde no Rio Grande do Sul do começo do século XX sofriam para divulgar as suas pesquisas, visto que o tinham de fazer em revistas de outros estados da federação ou mesmo na Argentina. Alguns pesquisadores, segundo eles, divulgavam seus trabalhos em meios de circulação na Europa, devido “[...] à míngua de uma imprensa médica entre nós [...]” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

5 Neste artigo optamos por trabalhar com a grafia da língua portuguesa já de acordo com as novas regras da ortografia. Mantivemos apenas o nome da Revista conforme o original.

Todas essas questões são colocadas no editorial do primeiro número da referida Revista, e apontam para um discurso que procura mostrar a importância de Porto Alegre e da Sociedade de Medicina, da qual os redatores fazem parte (bem como os articulistas desta edição da Revista), no contexto da pesquisa nacional na área da saúde. A posição periférica deste grupo no cenário nacional reflete um processo histórico o qual colocou no Rio de Janeiro o centro das decisões relativas às questões de saúde no Brasil, conforme aponta Bertolli Filho:

A vinda da Corte portuguesa para o Brasil em 1808 determinou mudanças na administração pública colonial, inclusive na área da saúde. Como sede provisória do império lusitano e principal porto do país, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o centro das ações sanitárias (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 08).

Ainda segundo este autor, visando melhor atender às questões sanitárias neste momento da história brasileira, foram constituídos os primeiros centros para a formação de médicos, sendo um deles instalado no Rio de Janeiro em 1813 e o outro na Bahia em 1815. Posteriormente, em 1829, D. Pedro I criou a Imperial Academia de Medicina, órgão que reunia os principais clínicos que atuavam no Rio de Janeiro e que se tornou responsável pelas demandas inerentes à saúde pública nacional (BERTOLLI FILHO, 2011).

No ano de 1898, este cenário alterou-se com a criação em Porto Alegre, da Faculdade de Medicina, a qual foi fundada em 25 de julho, tendo como origem o Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. A Faculdade de Medicina, atualmente, integra a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e de acordo com informações obtidas junto à página do curso, “[...] foi a terceira escola médica do país e a primeira criada no período republicano” (FAMED, 2017, p. 01)⁶. Este processo é confirmado por Amaral (2007), quando

6 Maiores informações disponíveis no site <<http://www.famed.ufrgs.br/index.php/famed/historia>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

afirma que a Faculdade de Medicina de Porto Alegre foi a terceira escola médica aberta no Brasil em 89 anos, e a primeira criada na região sul.

Na sua edição de número 01, a Revista Archivos Rio Grandenses de Medicina trouxe sete artigos científicos sobre os mais diversos temas, bem como outras seções referentes à medicina prática e ao tratamento da angina abdominal (incluindo a receita de como tratá-la⁷); notas de clínica; questões de higiene; noticiário sobre a situação da saúde no interior do estado do Rio Grande do Sul; comentários em geral sobre outras revistas médicas do exterior; e notas sobre a Faculdade de Medicina e sobre a Sociedade de Medicina.

O primeiro artigo, intitulado *O Papel da Veia Porta em Patologia* é de autoria do “[...] Professor Roger, decano da Faculdade de Paris” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 2) e foi traduzido pelo professor Annes Dias. Observamos aqui a tentativa de mostrar contatos e conhecimentos adquiridos na Europa, como forma de referir à qualidade científica do material produzido não só pela Revista, mas também pela Faculdade de Medicina a partir dos seus docentes.

Os outros seis artigos são todos produzidos por professores da Faculdade de Medicina e também membros da Sociedade de Medicina. No texto intitulado: *Tuberculose Renal* de autoria de Annes Dias, apresenta-se a leitura dos interessados e interessadas um caso clínico relativo à tuberculose que acometeu uma mulher de 20 anos e do qual o médico em questão ocupou-se (DIAS, 1920).

O artigo assinado por Plínio Gama, *A Propósito de um Caso de Parasitos Acidentais do Intestino, Acompanhado de Crises Convulsivas*, relata um caso ocorrido durante a sua atuação

7 “[...] aconselha-se o emprego de injeções de nitrito de sódio em ampolas dosadas a 0,01 do sal para 1 cm³ de água destilada, repetidas 2 ou 3 vezes em 24 horas[...]” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 03).

enquanto professor de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (GAMA, 1920).

Em *O Atipicismo da Febre Tifoide em Porto Alegre*, produzido por Mario Totta, chama a atenção o fato de o médico porto-alegrense, buscar comprovar a partir da sua prática profissional e tendo como parâmetro para análise 3 casos que se apresentaram em sua clínica, o fato de que a febre tifoide em Porto Alegre possuía um quadro nosológico⁸ diferente do apresentado em outras localidades do Brasil (TOTTA, 1920).

O quinto artigo apresentado pela revista *Acidentes Arsenicais e Insuficiência Adrenalica*, escrito por Ulysses de Nonohay, então professor de Clínica Dermatológica e Sifilográfica da Faculdade de Medicina, conforme informado no próprio texto; traz uma síntese de casos de que o autor tem conhecimento nos quais ocorreram acidentes quando do uso de determinadas medicações que eram indicadas para o tratamento da sífilis (NONOHAY, 1920).

No artigo intitulado *Um Novo caso de Esclerose Lateral Amiotrófica*, Raul Moreira apresenta aos leitores e leitoras o quadro evolutivo em relação à enfermidade de um homem de 61 anos que foi internado na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre⁹ acometido por esclerose lateral amiotrófica (ELA), doença de cunho degenerativo e que acabou culminando com o óbito do doente (MOREIRA, 1920).

Por fim, em *Questão Médico-Legal do Alcoolismo – uma Perícia de Sanidade Mental*, Luis Guedes discorre sobre um caso de perícia ocorrido no Hospício São Pedro e que chegou até seu conhecimento devido informe enviado pelo Diretor daquela instituição. No texto se

8 De acordo com o Dicionário Médico (2020), a nosologia é a área da medicina que se preocupa em estudar as doenças e determinar a sua classificação.

9 A Santa Casa de Misericórdia fazia as vezes de hospital escola para os alunos matriculados na faculdade de medicina e era o lugar no qual os professores executavam as aulas práticas.

infeere sobre os malefícios que o alcoolismo causa a ponto de levar a transtornos mentais (GUEDES, 1920).

APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS SOBRE OS AUTORES DA REVISTA ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA (Nº 01/1920) E A SUA RELAÇÃO COM A PROSOPOGRAFIA

Quando da leitura do primeiro número da Revista analisado neste artigo, uma pergunta surgiu no contexto do estudo: quem eram os médicos cujos trabalhos compunham este número? Qual a sua formação? Quais as suas especialidades? Diante deste processo, procedeu-se uma pesquisa nos arquivos do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, visando encontrar informações sobre os sujeitos em questão¹⁰.

Heitor Annes Dias foi um médico gaúcho, nascido em Cruz Alta-RS em 19 de julho de 1884. Cursou medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Na década de 20 e 30 foi catedrático das Faculdades de Medicina Legal e Direito de Porto Alegre. Em 1933 foi deputado federal pelo Partido Republicano Liberal (PRL).

Mario Ribeira Totta nasceu em Porto Alegre em 05 de janeiro de 1874 e formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1904. Depois de formado especializou-se em obstetrícia e ginecologia. Também foi poeta, romancista e cronista.

Paulo Luiz Vianna Guedes também foi um médico gaúcho, nascido em Porto Alegre em 14 de novembro de 1916. Frequentou o

10 As informações biográficas que compõe esse artigo foram todas retiradas da página do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul e se encontram nas referências do trabalho.

Colégio Anchieta e formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Seu pai, Luiz José Guedes, era diretor do Hospital São Paulo e teve influência em sua formação e especialização em psiquiatria. Foi o primeiro psiquiatra a presidir a Sociedade de Neurologia.

Plínio da Costa Gama formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina em 1908 e especializou-se em gastroenterologia na Europa, acabando por tornar-se um dos primeiros médicos gaúchos especialistas nesta área. Em 1935 transferiu-se para o Rio de Janeiro para dirigir um hospital que acolhia doentes de tuberculose naquele estado. Retornou ao Rio Grande do Sul em 1936.

Ulysses Pereira de Nonohay nasceu em Porto Alegre em julho de 1882, filho de João Pereira de Almeida, Barão de Nonohay, e de Amélia Pereira de Almeida. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1906 e tornou-se especialista no tratamento da sífilis e demais doenças venéreas.

Raul Moreira da Silva também nasceu em Porto Alegre em 21 de maio de 1891. Seu pai foi João Moreira da Silva e sua mãe, Maria Rita da Fonseca Moreira. Raul Moreira estudou no Ginásio Anchieta, assim como seu colega Paulo Luiz Vianna Guedes.

Como se percebe em relação às informações biográficas dos autores, os mesmos possuem alguns pontos em comum: alguns deles estudaram no Colégio Anchieta; todos foram formados pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Outros membros do grupo tiveram experiências acadêmicas ou de gestão hospitalar fora do Rio Grande do Sul. A participação na vida política do estado também é uma característica que marca esse grupo, corroborando com a ideia proposta por Amaral que explicita:

Discute-se que o desenvolvimento do sistema educacional brasileiro, e em particular do ensino médico, esteve intimamente ligado ao crescimento da sociedade brasileira, sendo clara

desde sua origem em 1808 a sua vinculação ao surgimento, no Brasil, das instituições econômicas, militares e culturais, e ao poder político (AMARAL, 2007, p. 10).

Outro ponto que revela a relação entre a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e seus membros com o poder político é trazido pela própria Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, conforme aponta a citação abaixo transcrita:

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre está de parabéns, pois vai ter realizada, dentro em breve, sua antiga e justa aspiração, graças ao nobre gesto do Exmo. Sr. Presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros, determinando o prosseguimento das obras do novo edifício, cuja construção iniciada em 1913 foi suspensa em fins do ano seguinte (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 38).

Borges de Medeiros é uma das figuras mais tradicionais da história política do Rio Grande do Sul, conforme demonstrado por Félix (1987) e Biavaschi (2004). Foi líder do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) após a morte de Júlio de Castilhos. De acordo com informação retirada do verbete biográfico sobre este político, disponível na página da Fundação Getúlio Vargas, a ligação dele com a Faculdade de Medicina de Porto Alegre remonta a criação da mesma já que:

No setor de instrução superior, sua primeira administração foi responsável pela criação da Faculdade de Medicina em 1898 e, em seguida, da Faculdade Livre de Direito. Implantou também os códigos de Processo Penal e de Processo Civil e Comercial, obedecendo assim ao que ficara definido pela Constituição de 1981 (MOREIRA, 2020, p. 01).

Diante deste quadro, percebemos a possibilidade de realizar uma análise prosopográfica dos médicos em questão, isto porque este grupo constitui uma elite dentro de um sistema social, político e econômico, pois todos os autores que publicaram trabalhos no número 01 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina eram oriundos da elite rio-grandense, filhos de famílias detentoras de terras ou de títulos

de nobreza advindos do Brasil Império, caso de Ulysses Pereira de Nonohay. Reforçando essa ideia, Amaral diz que a criação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, manteve “[...] o ensino e a prática médica como atividade de elite, assegurando a institucionalização do exercício profissional da medicina” (AMARAL, 2007, p. 50).

Mas por que o interesse em realizar um estudo prosopográfico? Porque este tipo de recorte “[...] é uma ferramenta que permite, não somente tornar mais precisa, como renovar algumas perspectivas” de trabalho (ALBERNAZ, 2011, p. 11). O principal interesse de uma prosopografia é entender esta elite em seu o conjunto, observando a sua totalidade, considerando o ambiente onde vive e as relações que estabelece sem a intenção de exaltá-la.

Para Monteiro, a prosopografia constitui um método de análise que pode ser associado “[...] a um construto teórico de apreensão do mundo social” (MONTEIRO, 2014, p. 12). Dessa forma, e entendendo a prosopografia como um recurso que permite a análise de biografias coletivas, a autora entende este tipo de trabalho como sendo algo a ser enquadrado na teoria dos campos sociais. Para Peter Burke, o estudo das aristocracias pode fazer com que o historiador aprenda:

[...] algo com o estudo sociológico das “elites”, definidas como grupos superiores, [...] segundo três critérios: status, poder e riqueza. [...]. O historiador social talvez ache útil (sem necessariamente se comprometer com uma grandiosa teoria geral) observar a interação de fatores econômicos, políticos e culturais na vida de um grupo social (BURKE, 1990, p. 16).

No caso específico deste artigo, a totalidade dos sujeitos participantes do grupo é de médicos formados pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, os quais convivem em um ambiente específico que se desdobra na própria Faculdade e na Sociedade de Medicina, onde as relações entre os membros do grupo e as pessoas que são tratadas por eles são estabelecidas.

É possível perceber a Revista como um *lócus* no qual o interesse médico em desvendar casos de doenças e divulgar as pesquisas consideradas curiosas e interessantes por estes sujeitos aparece como predominante; visto que esse espaço surge como uma forma de preservar a memória das patologias rio-grandenses e se desvincular das pesquisas realizadas por outros estados e/ou países:

Não raro as nossas penas, no afã de divulgarem pesquisas curiosas e interessantes, colaboram nas gazetas de outros Estados, da Argentina e até da Europa [...]; e isso sem levar em linha de conta as preciosas investigações que dia a dia se fazem sobre os vários problemas que contendem com a nossa patologia regional e que aí andam ou apenas arquivadas na memória dos clínicos ou mal guardadas em comunicações esparsas (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

Vale ressaltar que, de acordo com o editorial da Revista:

A Sociedade de Medicina, nas suas sessões semanais, esmerilha e discute quanto pode, todas essas questões. Mas *verba volant* e falta ainda, para que as ideias floresçam e produzam o efeito desejado, o concurso de todos os profissionais (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01, o grifo acompanha o original).

Há alguns pontos importantes trazidos pela leitura da citação acima referida. Em primeiro lugar, o texto revela uma periodicidade através da qual esse grupo de sujeitos se reúne para esclarecer sobre os assuntos que movimentam as suas agendas, a saber, a questão das práticas médicas e das pesquisas que acompanham os seus procedimentos, pois a Revista se revela um canal através do qual podem ser dados desfechos sobre os casos científicos que seus membros considerarem curiosos.

Esta prerrogativa aponta para um elemento que corrobora com o processo relativo às questões sanitárias em nível nacional. De acordo com Bertolli Filho, durante a República Velha, as oligarquias busca-

ram no higienismo o apoio “[...] para examinar detidamente o ambiente físico e social das populações urbanas” (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 16). Por trás desse contexto estava a lógica de definir estratégias de saúde pública as quais melhorassem as condições sanitárias de áreas vitais para a economia brasileira, como as referentes às regiões portuárias, por exemplo.

Com esse intuito, foram criados centros de pesquisa sobre as questões de saúde no Brasil, nos estados de São Paulo e no Rio de Janeiro. Sobre este assunto, Bertolli Filho informa que:

Para assegurar a eficiência das tarefas dos higienistas e dos fiscais sanitários, o governo paulista organizou vários institutos de pesquisas, articulados à estrutura do Serviço Sanitário. Em 1892 foram criados os laboratórios Bacteriológico, Vacinogênico e de Análises Clínicas e Farmacêuticas. Ampliados logo depois, transformaram-se respectivamente, nos institutos Butantã, Biológico e Bacteriológico (este último mais tarde denominado Instituto Adolfo Lutz). [...]. No Rio de Janeiro, o principal centro de pesquisas foi o Instituto Soroterápico de Manguinhos, em funcionamento desde 1899 com o objetivo inicial de produzir soros e vacinas. [...]. Em 1908, os laboratórios de Manguinhos tornaram-se o Instituto Oswaldo Cruz, que permanece até hoje como o principal centro de pesquisas médico-epidemiológicas do país (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 17-18).

De acordo com Mansanera e Silva (2000), a lógica relacionada ao higienismo preconizava que havia uma relação entre a desorganização social e o mau funcionamento da sociedade com as doenças que acometiam a população, cabendo à medicina (e, portanto, aos médicos), o papel de refletir sobre esse processo e encontrar medidas que sanassem os problemas advindos desta relação.

Para Góis Júnior e Lovisolo (2003) as ideias higienistas chegaram ao Brasil em fins do século XIX e início do século XX, tendo como eixo primordial a preocupação com as questões inerentes à saúde da população, tanto de forma coletiva quanto de forma individual. As

propostas que derivavam da premissa “[...] residiam na defesa da saúde e da educação pública e no ensino de novos hábitos higiênicos” (GÓIS JÚNIOR, LOVISOLO, 2003, p. 42).

Eram dos centros médicos de pesquisa e dos profissionais da medicina que deveriam partir os eixos norteadores responsáveis por garantir o sucesso no combate às enfermidades e aos agentes disseminadores das doenças. Nesse contexto, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina fazia eco às ideias propaladas no período, como se percebe a partir da citação abaixo transcrita:

É fora de dúvida o importante papel que desempenha a mosca na transmissão das doenças infecciosas, ou porque seja um veículo inerte para o micróbio, conduzindo-o em suas patas, antenas ou pelos, ou porque conserve o germe na tromba e nos líquidos do organismo, depois de haver pousado, ao acaso, sobre matérias infectadas e o vá, então, semeando a esmo nos alimentos em que toca (G., 1920, p. 10).

O excerto foi retirado da coluna assinada por G. e intitula-se *Questões de Higiene: A Mosca*. A partir dele é possível comprovar que, mesmo fora do eixo Rio-São Paulo as ideias higienistas eram reproduzidas e faziam parte do cotidiano dos temas debatidos na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, bem como na Sociedade de Medicina.

Isso comprova que os intelectuais que pensavam a saúde pública no Rio Grande do Sul eram fruto das ideias do seu tempo e as aplicavam de acordo com as premissas inerentes à realidade regional, inclusive tentando construir aportes teóricos que os aproximassem das discussões que ocorriam nacionalmente falando:

Daí, muito acertadamente, a *guerra intensa, impiedosa, inexorável* que se deve exercer contra o maléfico inseto. ‘Precisamos organizar uma cruzada nacional contra o flagelo’, como muito bem propõe o Dr. Leonel da Rocha, em publicação no Brasil Médico, de Novembro último (G., 1920, p. 10, grifo acompanha o original).

A citação acima transcrita refere-se a um periódico intitulado *O Brazil-Médico*, uma revista de periodicidade semanal que circulava na cidade do Rio de Janeiro, a qual contava com a colaboração de professores da Faculdade de Medicina daquele estado, bem como de clínicos que, através de suas páginas relatavam casos cotidianos de sua clínica (FIOCRUZ, 2020), aos moldes do que a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina pretendia fazer.

Assim, da mesma forma como São Paulo e Rio de Janeiro possuíam seus institutos e lugares de pesquisa sobre questões médicas, Porto Alegre contava com as reuniões semanais da Sociedade de Medicina e com os casos discutidos nas mesmas que deixariam de ser *verba volant* (palavras ao vento) e passariam a ganhar espaço nas páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, alavancando as discussões sobre os problemas de saúde no Rio Grande do Sul para outro patamar, constituindo um espaço de pesquisa científica e um espaço formal de discussão sobre essas questões. Outro ponto importante a ser ressaltado e que corrobora com a ideia de que este grupo de médicos buscava uma forma de padronizar as discussões sobre as pesquisas na área de saúde no Rio Grande do Sul, neste período está posto no fato de que eles entendiam que:

Irradiando de Porto Alegre para os diversos municípios do Estado, os Archivos tecerão um laço de convívio espiritual entre todos os colegas do sul, e entrando no gabinete de cada um deles, de cada um deles trarão a preciosa colaboração que será tanto mais estimável quanto mais de perto se interessar pelas questões médicas do Rio Grande (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

Como se percebe através da citação, o editorial do número 01 traz, via de regra, a preocupação em formalizar e fortalecer um centro através do qual as pesquisas sobre as questões médicas no Rio Grande do Sul teriam aporte, da mesma forma que no eixo Rio – São Paulo. Neste sentido, este grupo passaria a ser o detentor do conhecimento

sobre estas questões tangenciando a importância que o ensino formal (e elitizado) da medicina possuía nesse processo. Tal premissa indica quem estava autorizado a pesquisar sobre as questões médicas e relatar sobre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos envolvidos com a criação da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina fazem parte de um contexto relacionado às questões que envolvem historicamente, no Brasil, o movimento do higienismo e do sanitarismo. Neste sentido, a análise prosopográfica permitiu construir as relações inerentes a este conjunto de sujeitos dentro de um determinado fenômeno político e social.

Dito de outra forma foi possível perceber que havia uma problemática que os envolvia a todos, qual seja ela, as questões que se relacionavam à construção de um espaço através do qual os membros da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, todos eles egressos da Faculdade de Medicina e, naquele momento, professores da mesma, pudessem colocar as práticas pertinentes ao seu trabalho acadêmico e às suas pesquisas constituindo-se em um centro tal qual se observava em São Paulo (Adolfo Lutz) e no Rio de Janeiro (Instituto Oswaldo Cruz).

Assim, mesmo estando em uma posição periférica em relação às oligarquias paulista e carioca, este grupo de médicos também apresenta em sua construção enquanto categoria social, premissas que revelam seu contexto de dominação, ou seja, sua constituição enquanto elite que reproduz as lógicas políticas vigentes de controle, no caso, as que são pautadas no higienismo e no sanitarismo.

Foi possível perceber que existem elementos em comum que constituem processos que permeiam a trajetória deste grupo em relação às oligarquias do eixo Rio – São Paulo, como por exemplo, a ideia de constituir centros de pesquisa, naqueles estados referendados nos institutos já citados; no Rio Grande do Sul concretizado a partir da Faculdade de Medicina, da Sociedade de Medicina e da Revista Archivos Médicos Rio-Grandenses.

Ademais, é possível perceber entre os membros da Revista, uma trajetória comum, a qual funciona como eixo condutor deste processo e mostra o quão fechado este grupo é: todos os artigos assinados do primeiro número são resultado dos trabalhos oriundos das práticas dos professores da Faculdade de Medicina, egressos da mesma e membros da Sociedade de Medicina de Porto Alegre.

Esta análise permitiu observar as posições ocupadas por estes sujeitos dentro de um determinado contexto histórico, revelando a estrutura do campo no qual eles estavam contidos enquanto atores sociais e quais prerrogativas executavam nesta condição.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, C. A. A. Da política dos “grandes homens” a prosopografia das grandes elites políticas: considerações histográficas e metodológicas. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308096628_ARQUIVO_Prosopografiaeelitespoliticasanpuh2011.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

AMARAL, J. L. *Duzentos Anos de Ensino Médico no Brasil*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007, 207 f.

ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA. Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01.

BERTOLLI FILHO, C. *História da Saúde Pública no Brasil*. 5 ed, São Paulo: Ática, 2011.

BIAVASCHI, M. A. C. *Coronelismo, Borgismo e Escândalos Políticos: o caso Ribeiro Tacques (Santa Maria: 1925-1926)*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2004, 246 p. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000021.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BURKE, P. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DIAS, H. A. Casos Clínicos: Tuberculose Renal. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 04-08.

_____. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=40>. Acesso em: 06 jan. 2020.

DICIONÁRIO MÉDICO. *Nosologia*. Disponível em: <<https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/nosologia.html>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

FAMED. *História da Faculdade de Medicina da UFRGS*. Disponível em: <<http://www.famed.ufrgs.br/index.php/famed/historia>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

FÉLIX, L. O. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FIOCRUZ. *Acervo Digital de Obras Raras e Especiais*. O Brazil-Médico: revista semanal de medicina e cirurgia. Rio de Janeiro: Policlínica Geral do Rio de Janeiro, v. 33, 1919. Disponível em: <<https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=175>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

G. Questões de Higiene: A Mosca. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 10.

GAMA, P. C. A Propósito de um caso de Parasitos Acidentais do Intestino, Acompanhado de Crises Convulsivas. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 11-15.

_____. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=364>. Acesso em: 26 dez. 2017.

GÓIS JÚNIOR, E., LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e Continuidades do Movimento Higienista no Brasil do Século XX. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set. 2003.

GUEDES, P. L. V. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=203>. Acesso em: 28 set. 2017.

_____. Questão Médico-Legal do Alcoolismo – Uma Perícia de Sanidade Mental. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 32-33.

MANSANERA, A. R.; SILVA, L. C. A Influência das Ideias Higienistas no Desenvolvimento da Psicologia no Brasil. *Psicologia em Estudo*. UEM, v. 5, n. 1, 2000, p. 115-137.

MONTEIRO, L. M. Prosopografia de Grupos Sociais, políticos situados historicamente: método ou técnica de pesquisa? *Pensamento Plural*, Pelotas, número 14, janeiro-junho de 2014, pp. 11-21. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/viewFile/3798/3410>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

MOREIRA, R. L. Medeiros, Borges de. *Acervo CPDOC/Dicionários*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-augusto-borges-de-medeiros>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

MOREIRA, R. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=265>. Acesso em: 22 set. 2017.

_____. Um Novo Caso de Esclerose Lateral Amiotrófica. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 27-31.

NONOHAY, U. P. Acidentes Arsenicais e Insuficiência Adrenalínica. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 21-26.

_____. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=269>. Acesso em: 26 dez. 2017.

TOTTA, M. R. *Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=sys_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=335>. Acesso em: 27 set. 2017.

_____. O Atipicismo da Febre Tifoide em Porto Alegre. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01, p. 16-18.



2

Valéria Pereira da Silva Peraçoli

**marcas da ironia
no discurso biomédico:
revista Archivos Rio-Grandenses
de Medicina - 1920**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.476.37-50

INTRODUÇÃO¹¹

O primeiro número da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina foi lançado em janeiro de 1920, na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul e sede do terceiro curso de Medicina criado no Brasil. De acordo com o editorial da revista, escrito pelos professores da referida Faculdade, Annes Dias, Mario Totta e Luis Guedes, a revista constituía uma: “(...) necessidade de um jornal de medicina entre nós [que] se justifica por si” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

De acordo com a opinião dos redatores, Porto Alegre surgia no cenário nacional daquele período enquanto um espaço “(...) de vasto labor científico e aparelhado, com a multiplicidade dos seus estabelecimentos oficiais e particulares, para os largos estudos da medicina (...)” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01). Porém, apesar de todo este aparato possuído pela cidade, ainda havia a carência de um veículo científico que divulgasse as descobertas dos pesquisadores da área, o que seria resolvido a partir da criação da Revista.

Ainda segundo o editorial, os pesquisadores da área de saúde no Rio Grande do Sul, no começo do século XX, tinham dificuldade em divulgar os resultados de seus trabalhos: ou o faziam em revistas de outros estados da federação, como São Paulo e Rio de Janeiro; ou utilizavam dos meios científicos de outros países, como a Argentina:

Não raro as nossas penas, no afã de divulgarem pesquisas curiosas e interessantes, colaboram nas gazetas de outros Estados, da Argentina e até da Europa, à míngua de uma imprensa médica entre nós; e isso sem levar em linha de conta as preciosas investigações que dia a dia se fazem sobre os

11 Este trabalho foi publicado anteriormente, na condição de resumo completo, nos Anais do 5º Simpósio de Ensino em Saúde. Para esta edição o mesmo foi revisto e ampliado.

vastos problemas que contendem a nossa patologia regional e que aí andam ou apenas arquivadas na memória dos clínicos ou mal guardadas em comunicações esparsas (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

Vale ressaltar que o grupo que constitui a Sociedade de Medicina de Porto Alegre faz parte de uma condição periférica no que tange as pesquisas na área de saúde, contexto este pertinente a um processo histórico que colocou no Rio de Janeiro o lugar central das decisões relativas à saúde no Brasil. De acordo com Bertolli Filho:

A vinda da Corte portuguesa para o Brasil em 1808 determinou mudanças na administração pública colonial, inclusive na área da saúde. Como sede provisória do império lusitano e principal porto do país, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o centro das ações sanitárias (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 08).

Bertolli Filho (2011) ressalta que, visando melhor atendimento das questões sanitárias brasileiras no século XIX, foram constituídos os primeiros centros para a formação de médicos no país: a escola de Medicina do Rio de Janeiro (1813) e a escola de Medicina da Bahia (1815). *A posteriori*, no ano de 1829, D. Pedro I criou a Imperial Academia de Medicina, responsável por reunir os principais clínicos atuantes na capital do Império e que se tornou órgão decisório no que tange aos problemas referentes à saúde pública naquele período.

Este cenário sofreu alteração a partir do ano de 1898, ou seja, já no período republicano da história do Brasil. Neste ano, criou-se em Porto Alegre a Faculdade de Medicina, aos 25 dias do mês de julho. Sua origem advém do Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Atualmente, a Faculdade faz parte integrante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, conforme informações obtidas no site oficial do curso: “[...] foi a terceira escola médica do país e a primeira criada no período republicano”¹².

12 Informação retirada da página da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, <https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>, acesso em 10 de julho de 2019.

Amaral confirma esse processo em seu estudo sobre o bicentenário do ensino médico no Brasil, ao afirmar que a Faculdade de Medicina de Porto Alegre foi a terceira escola médica em funcionamento no país em 89 anos e que foi a primeira escola com essa função criada na região sul.

METODOLOGIA

O presente artigo tem origem em uma pesquisa bibliográfica e documental, cujo objetivo central foi analisar as marcas de ironia no discurso biomédico imperante na revista, a partir das seções *Emolientes e revulsivos* e *Emolientes e sedativos*, publicadas respectivamente nas edições de número 1 e 2 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina. Pela sua própria natureza, e de acordo com a resolução CNS 510/16, esta pesquisa dispensa avaliação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Para alcançar o objetivo proposto, foram utilizados os parâmetros relativos à análise do discurso conforme Duarte (2006) e Alberti (2002). Nesta perspectiva, partiu-se do pressuposto de que as seções *Emolientes e revulsivos* e *Emolientes e sedativos* carregam em seu discurso marcas de uma narratologia que implicam em leis de conversação carregadas de conteúdo simbólico as quais constituem formas de pensamento e articulam relações de poder, conforme auferido pelas autoras supracitadas em sua relação tendo como objeto de análise o texto literário.

Os temas apresentados enquanto referência para a compreensão da estrutura da revista (editorial, casos clínicos, notas de clínica, Faculdade de Medicina de Porto Alegre e Sociedade de Medicina) foram construídos a partir da leitura dos dois números em questão e

consequente categorização dos mesmos por assunto conforme informações trazidas pelo próprio texto.

Os números da Revista que serviram como base para este trabalho foram disponibilizados on-line e a coleção completa para consulta pública pode ser acessada através do Sistema de Editoração de Revistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do link <https://seer.ufrgs.br/riograndemed>.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, para suas edições de número 1 e 2, seguiu uma estrutura de publicação que continha um editorial; estudos de casos clínicos advindos das aulas práticas que ocorriam na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, local que servia como hospital-escola para os acadêmicos da Faculdade de Medicina; notas de clínicas, através das quais os professores relatavam sobre suas pesquisas e achados, fossem eles a partir da sua prática profissional, fossem eles através de estudos realizados em outros estados da federação ou no exterior. Nas notas de clínica também se observa que são descritos os principais comentários em relação às revistas da área médica que circulavam na Europa e nos Estados Unidos.

A Revista conta ainda com mais duas seções que informam sobre as atividades da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e sobre a Sociedade de Medicina. Na primeira seção, se versa sobre as articulações dos professores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre com o governo do estado do Rio Grande do Sul, como se auferia a partir da citação:

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre está de parabéns, pois vai ter realizada, dentro em breve, sua antiga e justa aspiração, graças ao nobre gesto do Exmo. Sr. Presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros, determinando o prosseguimento das obras do novo edifício, cuja construção iniciada em 1913 foi suspensa em fins do ano seguinte (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 38).

Já na seção relativa à Sociedade de Medicina, se narra sobre o andamento das reuniões pertinentes ao órgão, que em geral, constituíam-se na apresentação dos casos clínicos por parte dos professores membros da sociedade, os quais eram debatidos pelos presentes a partir da fala de um relator responsável por problematizar a questão perante os pares.

As seções *Emolientes e revulsivos*, publicada no número 01 da revista; e *Emolientes e sedativos*, publicada no número 2, são seções menores e que ocupam um espaço a margem em ambos os números (no caso da primeira seção, publicada na página 46 do número 1; no caso da segunda publicada na página 101 do número 2), mas que nem por isso possuem menos importância para análise já que ambas trazem algo essencial para a natureza humana, o humor.

Em tese, ambas as seções devem provocar o riso, porém como auferem Bremmer e Roodenburg “embora o humor deva provocar o riso, nem todo riso é fruto do humor” (BREMNER, ROODENBURG, 2006, p. 13). Conforme observado por Duarte (2006) em obra que analisa o humor e a ironia na literatura; a narratologia utilizada nas seções da revista se aproxima muito mais da ironia que do humor, apontando para um processo que remete a relações de poder e de subalternização tendo como parâmetro o escárnio, conforme se auferem a partir da citação abaixo transcrita:

Passava, apressado, um médico na estrada, quando, de súbito, uma desesperada mulher salta-lhe à frente:

- Doutor! Doutor! Acuda! Meu marido está muito mal.

O médico atende imediatamente ao chamado, mas, ao penetrar no quarto do doente e depois de lançar a este um rápido olhar, exclamou, sem maior exame:

- Ah! Minha filha, cheguei muito tarde: seu marido é um homem morto. Não se pode fazer mais nada.

- Como, doutor?!

- Pois não vê que ele já está com as mãos completamente roxas?

- Ah! Mas isso é sempre assim, doutor, meu marido é tintureiro.

- É tintureiro?! Pois olhe: foi o que o salvou. Se ele não fosse tintureiro era um homem morto (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 46).

O texto transcrito revela que o médico sequer chegou a prestar atenção à condição do sujeito doente a quem a esposa pediu que ele examinasse, já que lançou sobre ele um “rápido olhar (...) sem maior exame”. Ao observar que o homem tinha as mãos arroxeadas, determinou que o mesmo já havia morrido, o que comunica à esposa sem mais delongas. Ao tomar conhecimento da profissão do homem (tintureiro), afirma ironicamente que foi isso que lhe salvou.

A marca da ironia no trecho transcrito está expressa pela última frase na qual o médico afirma que, o fato de ser tintureiro foi o que salvou o homem da morte, uma vez que suas mãos estão sempre roxas devido ao uso da tinta que faz parte do seu trabalho. Neste sentido, observa-se que a forma como o texto foi construído induz ao riso “(...) na medida em que articula linguagem e pensamento” (ALBERTI, 2002, p. 35).

O texto relativiza sobre a questão da morte e banaliza o desespero da mulher diante do contexto da doença do marido, fazendo com que seu desespero pareça algo jocoso. Ao mesmo tempo, faz com que a figura feminina ganhe ares de histeria o que pode ser percebido a partir do uso da palavra “desesperada” e dos pontos de

exclamação utilizados para expressar a necessidade premente em falar com o médico sobre a situação do esposo.

É possível questionar, a partir da leitura da citação acima transcrita, se o que fazia rir (e também a quem fazia rir), no início do século XX ainda faz rir contemporaneamente. Neste sentido, Burke (2000), problematiza ao definir que existem muitas categorias distintivas que definem o que pode ser considerado engraçado e o que é sério: no caso do texto acima, a doença de uma pessoa e seu estado grave não deveriam constituir-se em motivo de piada, porém é o que acontece.

Pode-se categorizar a citação no que Duarte expressou ser a dita “ironia romântica” (DUARTE, 2006, p. 56). Sobre o assunto informa a autora que este tipo de texto prefere: “(...) reproduzir os problemas apenas através de reflexos suaves, representando-os com humor na ingenuidade de narradores e/ou personagens ou em situações/expressões propícias ao estabelecimento de ambiguidade” (DUARTE, 2006, p. 56).

Este tipo de ironia se caracteriza pela presença de um emissor (no caso, o médico) que se utiliza de recursos para comunicar uma mensagem a um receptor (a esposa do doente) através de palavras que não expressam a realidade em seu sentido completo. Por vezes, essa ironia também se utiliza da ignorância do receptor, no sentido do não conhecimento em relação ao uso da palavra para expressar seus sentidos e promover o riso: “Num consultório médico:/ - Seu pai era baciloso?/ - Não, senhor, era filho de São Leopoldo” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 101).

Para Alberti (2002), o riso que este tipo de chiste tenta trazer é àquele vinculado à capacidade que alguém possui para entender ou não, determinada enunciação. Neste sentido, faz-se necessária a presença de um emissor (o médico que questiona acerca da doença do pai); de um receptor (o sujeito que vai responder à pergunta do

médico); e da mensagem (o não entendimento em relação ao termo “baciloso”, que é o que provoca o efeito cômico).

É possível dizer que existe contida aqui a presença oculta de um segundo receptor, ou seja, o sujeito que lê o texto e que compreende que o primeiro receptor é ignorante em relação à informação que dele é solicitada. Sendo assim, este último se torna uma vítima que é humilhada pela sua ignorância. Para Duarte:

Assim se constroem os jogos de engano e as lutas pelo poder entre personagens no plano do enunciado, na literatura ou no teatro, tão úteis para o *ridendo castigat mores* com que se constrói a comédia. E elaboram-se também, no plano da enunciação, as divergências entre vozes de narrador e de autor textuais, que podem comunicar-se alternada, respectiva ou ironicamente com o receptor intra e extratextual (DUARTE, 2006, p.153-154).

O mesmo processo de construção semântica pode ser percebido nos outros dois chistes que constituem a seção *Emolientes e sedativos*, os quais seguem abaixo transcritos:

Um estudante boêmio, inveterado amante do *footing*, entra em exame de anatomia:

- Qual é a nossa principal artéria? – inquire o professor.

O estudante, sem pestanejar:

- Incontestavelmente é a rua dos Andradas. Não acha?

Em exame da cadeira de sífilis e moléstias venéreas:

- Quais são as complicações que a infecção blenorragica pode dar ao homem?

- Se o homem for casado, as piores complicações são as complicações da família (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 101).

Um exame da escolha de palavras que inicia a primeira parte da citação prenuncia o julgamento de valor em relação a um determinado tipo de comportamento. O estudante de medicina que está fazendo o exame (portanto, não obteve mérito acadêmico suficiente) é um “boêmio” e adepto dos passeios (*footing*) os quais, na década de 20, significavam os prenúncios de possíveis namoros.

Obviamente, por não estar preocupado com o conteúdo relativo à sua formação enquanto profissional, e pelo fato de estar com sua atenção voltada para a vida boêmia, confunde o termo “artéria” no sentido da anatomia (vaso que transporta o sangue oxigenado do coração para o resto do corpo), com “rua”, no caso aqui, uma via de comunicação através da qual circula grande parte do tráfego de uma determinada cidade. É essa confusão que provoca o riso, revelando a falta de entendimento do estudante em relação à situação na qual se encontra.

Alberti (2002) entende que o tipo de situação apresentada em ambos os chistes acima transcritos, só se torna risível se vista “(...) em espetáculo” (ALBERTI, 2002, p. 45), ou seja, se ela ocorrer em um plano fora da realidade. E ainda reitera que, para que este contexto efetive-se em algo que venha a produzir o riso, deve prevalecer a presença de “(...) um sujeito, o qual, pelo empréstimo de seu saber à ação de outrem, *produz* o cômico” (grifo no original) (ALBERTI, 2002, p. 45).

O sujeito que empresta seu saber é o professor que arguiu o aluno em exame. Ele emite a sua mensagem para um receptor/leitor, e esta mensagem só fará sentido se este último tiver o entendimento em relação à pergunta que o professor faz. O riso só se constitui a partir da ignorância expressa pelo estudante de medicina. Caso isso não ocorra, o texto perde completamente o seu sentido.

O recurso da ironia utilizado nas seções *Emolientes e revulsivos* e *Emolientes e sedativos* parte do pressuposto de que existe a

necessidade de um sujeito leitor que seja capaz de perceber “(...) o sentido camuflado ou oculto na mensagem que lhe é enviada” (DUARTE, 2006, p. 60). Automaticamente, esse processo estabelece uma relação entre o emissor da mensagem (sujeito que detém o conhecimento sobre o tema inerente a ela) e este sujeito leitor (detentor da capacidade de compreensão em relação ao que é dito).

A criação desta relação infere que o receptor da mensagem (a esposa do homem doente, no caso do primeiro chiste; o sujeito que faz a consulta, no caso do segundo; e os estudantes de medicina em exame, no caso do terceiro e quarto) é inferior hierarquicamente neste contexto, sendo que a forma como o texto é articulada, cria situações que constituem estruturas de escárnio em relação a sua condição, quer seja pela sua ignorância em relação aos termos que são utilizados para descrever a situação, quer seja pela sua incapacidade de compreensão em relação ao que se passa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura das questões apontadas no editorial do primeiro número da Revista ora analisada aponta para um discurso que tenta demonstrar o quanto Porto Alegre e a Sociedade de Medicina da qual os redatores fazem parte, são *lócus* de importância no contexto da pesquisa nacional na área da saúde. Portanto, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina é um veículo da máxima seriedade.

Tal prerrogativa pode ser comprovada a partir da utilização de expressões como: “não raro nossas penas” (o que supõe um cotidiano de trabalho atribulado ao médico que exerce a sua profissão no interior do país); “pesquisas curiosas e interessantes” (este médico se depara com inúmeras situações que mereceriam maior atenção); “preciosas

investigações” (as atividades desenvolvidas no trabalho diário trazem à baila situações inusitadas que merecem a atenção deste clínico); e “vastos problemas que contendem a nossa patologia regional” (supondo que as enfermidades encontradas no Rio Grande do Sul daquele período possuem peculiaridades as quais exigem um aparato científico para seu estudo e divulgação dos resultados).

No entanto, isso não impede que o texto científico abra espaços para o cômico, através das seções *Emolientes e revulsivos* e *Emolientes e sedativos* as quais serviram como objeto de análise do presente artigo. Uma leitura de ambas as seções permite que se observem alguns elementos que mostram o quanto a ironia é aqui utilizada como elemento que valoriza a figura do médico.

Ressalta-se em primeiro lugar que o recurso utilizado para a escrita dos chistes contém elementos que valorizam a figura do emissor e do sujeito leitor que recebe a informação contida no texto (desde que ele seja capaz de interpretá-la, já que é esse elemento que favorece o riso). Desta forma, percebe-se que o risível só se produz a partir do desconhecimento oriundo da ignorância de alguém, o que automaticamente coloca este sujeito em uma relação subalterna.

Percebe-se também que o recurso da ironia utilizado nos textos se dirige contra alguém. No caso do primeiro chiste, contra a mulher do doente; no caso do segundo, contra o sujeito que está no consultório médico e não compreende o significado do termo “baciloso”; no caso do terceiro e quarto chistes, contra os estudantes de medicina. É o não entendimento em relação à situação pela qual estes personagens passam que garante ao texto um grau de comicidade.

O que traz à tona o riso é a compreensão imediata por parte do sujeito leitor, da ignorância de quem é alvo da mensagem transmitida pelo emissor. Portanto, o risível é fruto da segurança de quem é capaz de compreender a mensagem, em relação

à insegurança de quem não é. Entretanto, não é de bom alvitre esquecer que qualquer sujeito pode se encontrar em uma situação como essa, o que o torna alvo do escárnio. Dessa forma, quem ri, ri de si mesmo em alguma instância, sem perceber nessa contingência que ele também pode se tornar alvo da piada.

Neste cenário estabelece-se um elemento que mostra que o alvo do riso é alguém que assume o papel de uma vítima de quem terceiros caçoam, endossando elementos que podem levar ao preconceito ou a noção de superioridade de determinados grupos em relação a outros.

As questões apontadas neste artigo permitem dizer que o riso é uma característica eminentemente humana, porém não necessariamente hoje, se ri das mesmas coisas que provocavam a sua existência anteriormente. Isso significa que em termos culturais, determinadas sociedades constroem significados em relação ao riso e que seu estudo pode servir como referência para a compreensão de determinados discursos, entre eles, o discurso biomédico.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2002.

AMARAL, J. L. *Duzentos Anos de Ensino Médico no Brasil*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007, 207 f.

ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA. Num. 01, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

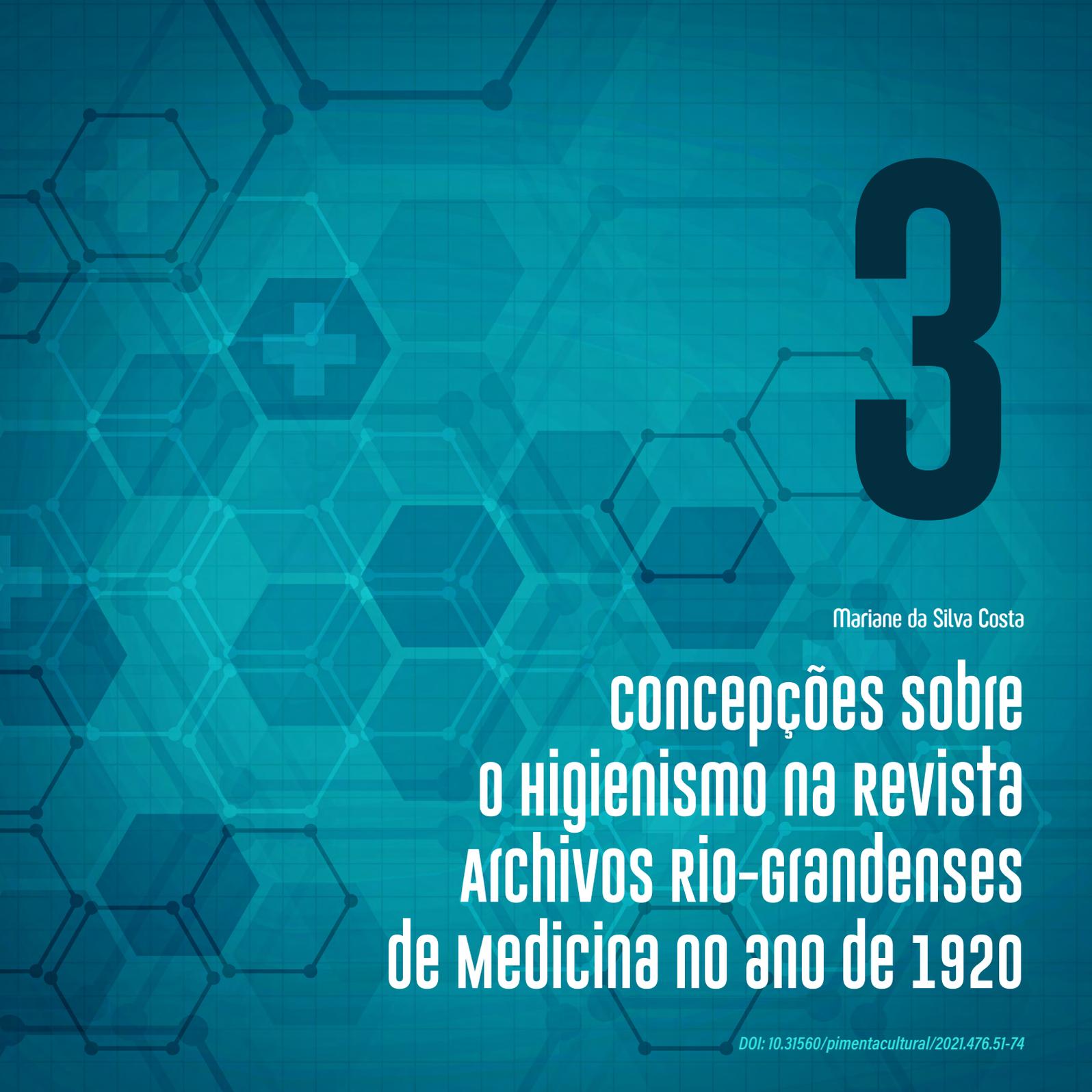
_____. Num. 02, Porto Alegre, março de 1920, ano 01. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BERTOLLI FILHO, C. *História da Saúde Pública no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Ática; 2011.

BREMMER, J., ROODENBURG, H. Introdução: humor e ironia. In: BREMMER, J., ROODENBURG, H. (orgs). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record; 2006, p. 13-26.

BURKE, P. Fronteiras do cômico nos primórdios da Itália moderna. In: BREMMER, J., ROODENBURG, H. (orgs). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record; 2000, p. 93-114.

DUARTE, L. P. *Ironia e Humor na Literatura*. São Paulo: Alameda; 2006.



3

Mariane da Silva Costa

**concepções sobre
o higienismo na revista
Archivos Rio-Grandenses
de Medicina no ano de 1920**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.476.51-74

A REVISTA ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA: O DESPERTAR DO DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE SAÚDE E DOENÇA NO RIO GRANDE DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A história da Revista Archivos-Riograndenses de Medicina está relacionada à história da saúde pública no Brasil e ao surgimento e fortalecimento do movimento higienista no início do século XX. Bertolli Filho (2011) e Amaral (2007) buscam as origens da história da saúde pública nacional quando da vinda da família real para a então colônia portuguesa, nos alvares do século XIX. Os mesmos autores apontam que pouco se executou em relação ao atendimento das necessidades da população neste quesito, o que fez com que o início do século XX e do período republicano encontrassem o país em um estado de calamidade, no que se refere a esta temática.

Lima e Hochman (1996) apontam que o início da República trouxe alterações neste cenário a partir do entendimento, no contexto histórico em questão, de que algumas doenças e suas comorbidades constituíam obstáculo para o crescimento do Brasil. A pesquisa realizada pelos autores mostrou que o ideal preconizado pela elite médica se propunha a higienizar o país, já que o povo se encontrava em total abandono e adoecido por conta disso:

Os conhecimentos dos médicos higienistas sobre a saúde dos brasileiros e sobre as condições sanitárias em grande parte do território nacional, revelados ao público em meados da década de 1910, nos absolviavam enquanto povo e encontravam um novo réu. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos (LIMA, HOCHMAN, 1996, p. 23).

Diante do cenário apresentado sobre as condições de saúde da população brasileira, notabilizou-se a ideia de que era necessário trabalhar e elaborar práticas de saúde que permitissem melhorar tais indicadores e, de acordo com Bertolli Filho, “(...) pela primeira vez na história do país, [foram elaborados] planos de combate às enfermidades que reduziam a vida produtiva, ou “útil”, da população” (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 14).

Não havia lugar melhor e nem grupo mais bem preparado para tal contingência do que a classe médica. Vale ressaltar que as primeiras escolas médicas criadas no Brasil, o foram ainda no período colonial, constituindo parte do arcabouço civilizatório¹³ que a vinda da Família Real em 1808, promoveu. São estas escolas a Faculdade de Medicina da Bahia e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ambas instituídas no século XIX (AMARAL, 2007).

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre foi criada no mesmo contexto histórico no qual as ideias higienistas começavam a proliferar, sendo a terceira escola médica implantada no Brasil e a primeira a surgir no período republicano¹⁴, berço no qual gestaram as políticas de saúde pública, conforme preconiza Bertolli Filho (2011). Da Faculdade de Medicina de Porto Alegre surgiram dois outros segmentos importantes, sendo o primeiro deles a Sociedade de Medicina.

De acordo com informações extraídas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina: “A Sociedade de Medicina de Porto Alegre foi

13 O conceito de civilização é utilizado neste trabalho a partir das referências abordadas por Norbert Elias. Para este autor, a ideia de civilização remete a uma variedade de elementos que auferem o desenvolvimento de diferentes tipos de conhecimento, entre eles o científico. No caso em questão, entende-se que o Brasil buscava mostrar-se civilizado a partir da elaboração de saberes científicos orquestrados por uma determinada categoria a qual se pautava nas Faculdades de Medicina criadas no período e também nos primeiros institutos de pesquisa com caráter epidemiológico, a saber, o Instituto Adolfo Lutz (São Paulo) e o Instituto Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro)

14 A Faculdade de Medicina de Porto Alegre foi criada em 25 de julho de 1898, segundo informação obtida junto ao site oficial da instituição, <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

fundada em 17 de maio de 1908, tendo por fim tratar dos interesses da classe médica sob os pontos de vista científico, moral e profissional” (ARCHIVOS-RIOGRANDENDES DE MEDICINA, 1920, p. 41)¹⁵.

Depois de funcionar regularmente até dezembro de 1910, a Sociedade de Medicina “(...) entrou em férias por tempo indeterminado conforme resolução de assembleia geral” (ARCHIVOS-RIOGRANDENDES DE MEDICINA, 1920, p. 41). Esse hiato permaneceu até o ano de 1912, quando um grupo de médicos se articulou para que a Sociedade voltasse ao seu funcionamento, no mesmo período em que as ideias higienistas e cientificistas ganham espaço no eixo Rio-São Paulo devido à atuação dos institutos Oswaldo Cruz e Adolfo Lutz (BERTOLLI FILHO, 2011).

Caberia aqui problematizar o que significa o uso dos termos “científico”, “moral” e “profissional”, escolhidos como aporte para justificar a base das discussões realizadas pelos membros deste grupo seletivo. Primeiramente, vale ressaltar que a ideia de ciência apresentada aqui acompanha os princípios e os preceitos articulados no que se refere ao conhecimento sobre a área médica neste momento histórico.

É o momento em que um discurso de poder começa a se articular e ser controlado por um determinado grupo conforme aponta Foucault (2015). Este espaço é delimitado por aquilo que o autor enunciaria como sendo o nascimento da clínica e de tudo o que acompanha este processo (FOUCAULT, 2015).

Em relação aos aspectos moral e profissional cabe salientar que, no início do século XX, no Brasil, a classe médica começa a alicerçar a sua condição de legitimidade. Kummer (2002) defende a ideia de que a medicina desenvolvida pelo grupo de médicos que

15 Neste artigo, optou-se pelo uso língua portuguesa conforme o novo acordo ortográfico quando da transcrição de informações originárias da revista, visando facilitar o entendimento e compreensão do texto. Apenas o nome da revista segue grafado conforme o original.

compunham a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, bem como a referida Faculdade de Medicina da mesma cidade, inspirava-se nos ideais da medicina social pautada no modelo britânico. Sobre o assunto afirma a autora que:

O exemplo inglês tem como alvo os pobres e os trabalhadores, que se beneficiam de um sistema de assistência e devem, por isso, se submeter a vários controles médicos. As funções do sistema de saúde são a intervenção em locais insalubres, controle da vacinação e registro das doenças (KUMMER, 2002, p. 14).

Neste cenário percebe-se a execução de normas de controle que visam normatizar o corpo e a saúde das classes mais pobres da população a fim de torná-las mais produtivas e úteis no cenário do capitalismo nascente e, garantir que elas fossem menos perigosas em termos de disseminação de doenças, evitando a contaminação das classes mais ricas (FOUCAULT, 1979).

Outra questão importante é que a execução deste programa precisava ser efetivamente vigiada por quem direito, ou seja, por pessoas hábeis e capazes em proteger esta população, amparadas em um discurso e em conhecimentos que possibilitassem a execução das práticas de controle de maneira efetiva. Daí o empenho em lutar pela profissionalização da carreira médica, exigindo que apenas as pessoas com formação adequada atuassem, pois do contrário à sociedade corria um sério risco. Sobre o assunto, informe Kummer:

Os problemas sociais da proteção à infância, à maternidade, ao operariado, somente terão solução com o fim da liberdade profissional. As mães e crianças não podem ser protegidas, pois as crianças são atendidas por curandeiros que não conhecem os mais elementares princípios de higiene alimentar e as gestantes por parteiras ignorantes que realizam abortos criminosos (KUMMER, 2002, p. 80-81).

As questões apontadas por Kummer corroboram com os achados de Claudio Bertolli Filho quando este relata que no estado de São Paulo, neste mesmo período “(...) A polícia foi convocada para localizar e punir os curadores e os curiosos que atendiam aos enfermos mais pobres, multando-os ou ameaçando-os de prisão” (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 17).

Assim, compreende-se que a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, cujos membros eram também partícipes da Sociedade de Medicina, estava em consonância com as lógicas inerentes ao seu tempo e das quais faziam parte as premissas de profissionalização da medicina e de cientificação do discurso biomédico.

A Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina nasceu no bojo das articulações realizadas pelos médicos que compunham o quadro docente da Faculdade de Medicina e eram membros da Sociedade de Medicina de Porto Alegre. Os mesmos sujeitos ocupavam os mesmos espaços de poder e se articulavam no sentido de fazer triunfar as suas ideias no que se referia à saúde pública no estado do Rio Grande do Sul.

O periódico em questão, que se pretendia “(...) laço de convívio espiritual entre todos os colegas do sul (...)” (ARCHIVOS-RIOGRANDENDES DE MEDICINA, 1920, número 01, p. 01), foi criado vinte e dois anos após a fundação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e oito anos depois de a Sociedade de Medicina retomar os seus trabalhos regularmente.

O texto que aborda o editorial do número 01 da Revista, lançado em janeiro de 1920 mostra que os médicos do estado (pelo menos os que faziam parte dos quadros das instituições supracitadas) sentiam a necessidade de um espaço no qual pudessem divulgar os casos

que lhe chegavam e eram debatidos semanalmente nas reuniões da Sociedade de Medicina¹⁶.

Assim, os idealizadores do periódico o constituíram com a ideia de que o mesmo se tornasse um repositório dos estudos produzidos pelos médicos que exerciam a sua prática profissional no estado do Rio Grande do Sul, os quais executavam trabalhos em um centro de "(...) vasto labor científico e aparelhado com a multiplicidade dos seus estabelecimentos oficiais e particulares para os largos estudos da medicina (...)" (ARCHIVOS-RIOGRANDENDES DE MEDICINA, número 01, 1920, p. 01).

Através das páginas publicadas no ano de 1920 torna-se perceptível qual era a compreensão que esse conjunto de profissionais possuía sobre o higienismo e que entendimento alicerçava suas ações neste sentido. Sobre este aspecto o artigo passará doravante, a discorrer.

MARCAS DO HIGIENISMO NO DISCURSO MÉDICO NO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 1920

No ano de 1920, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina publicou um total de 05 edições, sendo que os números 05 e 06 foram editados em conjunto. O número 01 foi publicado em janeiro de 1920; o número 02 em março; o número 03 veio a público no mês de maio; o número 04 em julho; e os números 05 e 06 em dezembro. No total a Revista publicou 272 páginas.

16 "A Sociedade de Medicina, nas suas sessões semanais, esmerilha e discute quanto pode, todas essas questões. Mas *verba volant* e falta ainda, para que as boas ideias floresçam e produzam o benefício desejado, o concurso de todos os profissionais" (ARCHIVOS-RIOGRANDENDES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

Nessas 272 páginas algumas seções ocupam um espaço de maior importância o que pode ser comprovado pelo fato de que elas se repetem de um número para outro, como por exemplo: *Notas de Clínica* e *Análises*, que são seções que aparecem em 03 das 05 edições. Sobre as *Notas de Clínica* vale ressaltar que a seção traz informações pontuais sobre questões médicas, como mostra a citação que segue:

Ravaut, num excelente artigo do Jornal Médico Francês, mostra as vantagens do Carvão no tratamento interno dos colites, principalmente nos que reconhecem como causa a Ameba.

(...)

Já de muito eu apelo para o Carvão como antisséptico nas afecções gastrointestinais e sempre o resultado vem correspondendo às minhas esperanças (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 02, 1920, p. 85).

A seção *Notas de Clínica* era assinada por vários médicos e anui-se que os relatos apresentam comentários e decisões que são advindas da sua experiência de trabalho, servindo como forma de aconselhamento para outros profissionais em exercício no estado do Rio Grande do Sul que tivessem acesso às páginas da Revista. Entre os médicos que publicaram suas notas de clínica na seção estão profissionais que clinicam não só em Porto Alegre, mas em cidades do interior, como Alegrete. Assim percebe-se que a Revista alcançava o que o editorial do número 01 se propunha a fazer e adentrava nos consultórios dos médicos em outras localidades para além da capital.

A seção intitulada *Análises* traz informações que, aparentemente, são retiradas de jornais médicos do exterior, apresentando um resumo sobre o que havia de mais moderno nas questões referentes às práticas médicas apontando o título do periódico do qual a informação é extraída, a data e o autor, como se pode observar:

Le Bulletin Medical (28-4-1920). M. O. Josué – A auscultação do pulso venoso. Resumindo – Josué começa dizendo que a auscultação jugular, fornece ensinamentos preciosos sobre a maneira como se efetuam as contrações cardíacas. As aquisições feitas por este método são análogas aquelas obtidas pelos traçados simultâneos das jugulares radiais ou apexianas que tão particularmente tem modificado a apreciação das perturbações do ritmo cardíaco (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 04, 1920, p. 180, grifo no original).

O número 04 da Revista veio a público em julho de 1920 e a notícia resumida pelo articulista (que não assina o texto) data de 28 de abril de 1920, confirmando a ideia de que o periódico estava em sintonia com as informações científicas mais recentes do tempo, mesmo com as dificuldades de comunicação inerentes à época.

As seções *Faculdade de Medicina de Porto Alegre* e *Sociedade de Medicina* aparecem em 04 das 05 edições. Como os próprios títulos das seções sugerem, a primeira faz referência a notícias relativas aos trabalhos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em âmbitos que envolvem desde a construção do novo edifício que vai abrigar os cursos oferecidos pela instituição (na época, Medicina, Farmácia e Odontologia), o número de alunos matriculados, informações sobre exames realizados pelo corpo discente, notas em relação às defesas de tese dos formandos e informes inerentes às datas de colação de grau.

A seção *Sociedade de Medicina* traz o resumo da reunião semanal realizada por este órgão apresentando sobre os trabalhos discutidos pelos membros, que se constituem em relatos de casos clínicos de pessoas doentes as quais buscavam tratamento ou na Santa Casa de Misericórdia ou nas clínicas particulares dos profissionais em questão, como se percebe na citação abaixo transcrita:

Sessão de 28 de Maio de 1920 – O prof. Martim Gomes refere-se a dois casos que anteriormente apresentou à Sociedade e cuja observação deseja agora completar. O primeiro era de uma doente portadora de uma salpingite; que, sendo mais

detidamente examinada, deixou perceber no fundo do Saco de Douglas uma sensação de flutuação, supondo por isso que fosse uma coleção purulenta (...) (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, números 05 e 06, 1920, p. 264, grifo no original).

A princípio, uma busca pelas questões sobre como o discurso higienista era articulado pela Revista fez parecer que o mesmo estaria concentrado em uma seção nomeada Questões de Higiene, publicada nos números 01 e 02. Na primeira nota sobre o tema, revela-se a importância de combater as moscas, devido ao número de doenças que elas podem disseminar¹⁷. A segunda nota informa sobre a necessidade de desinfecção correta dos termômetros, pois, a não execução deste processo da maneira certa pode acarretar contágio de uma pessoa doente para outra¹⁸.

Entretanto, o contato com a fonte desta pesquisa mostrou que as concepções sobre o higienismo pontuavam praticamente todas as seções e artigos publicados, denotando fazer parte do jargão médico dos profissionais que faziam parte da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e da Sociedade de Medicina da mesma cidade.

Medeiros, Costa e Silva (2021) afirmam que o termo “higienismo” não apresenta um arcabouço conceitual e epistemológico estabelecido. Para os autores, o conceito carrega uma multiplicidade de significações que se propõe a desenvolver nas pessoas o senso de responsabilidade em relação a si e à comunidade da qual fazem parte, no sentido de pensar a saúde tanto de forma individual quanto coletiva.

17 “Experiências inúmeras mostram, à farta, que ela é capaz de propagar, assim, a cólera-morbo, a febre tifoide, a disenteria, o carbúnculo, a tuberculose e tantas outras moléstias infectocontagiosas. Daí, muito acertadamente a *guerra intensa, impiedosa, inexorável* que se deve exercer contra o maléfico inseto” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 01, 1920, p. 10, grifos no original).

18 “Compreende-se que, em se tratando de moléstias infecciosas, o simples ensaboamento do termômetro quando não reclama muito tempo, é uma prática insuficiente e de uma antissepsia duvidosa. Demais, o ensaboamento exige demora e precauções, pois não são poucos os termômetros quebrados” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 02, 1920, p. 51).

Diante dessa perspectiva, orientou-se a leitura dos números 01 ao 06 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina sendo possível definir um conjunto de terminologias que permeiam os textos publicados e que seguem determinados no quadro abaixo:

Quadro 01 – Conjunto das terminologias relativas ao discurso higienista na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, números 01 ao 06, ano 1920.

Número 01	Número 02	Número 03	Número 04	Números 05 e 06
<ul style="list-style-type: none"> -Surto de doenças e zonas infectadas -Controle de endemias e epidemias -Doença e subjetividade -Relação Doença e Faixa Etária -Associação entre Doença e Moral -Ensino de hábitos de higiene para evitar contágio e disseminação de doenças -Formação médica e ações de Saúde Pública por parte do Estado 	<ul style="list-style-type: none"> -Doença e vulnerabilidade -Regiões abandonadas em termos sanitários -Higiene e população carcerária: ações de educação e cuidados médicos aos detentos -Migração e disseminação de doenças -Prevenção e tratamento precoce de doenças -Tratamento curativo e paliativo 	<ul style="list-style-type: none"> -Ignorância em termos de conhecimento sobre saúde -Doenças frequentes em regiões consideradas insalubres -Doenças na infância -Dados epidemiológicos sobre surtos de doenças nas penitenciárias do estado -Importância das práticas de imunização para a prevenção/erradicação de enfermidades 	<ul style="list-style-type: none"> -Saúde Pública 	<ul style="list-style-type: none"> -Deficiência intelectual em crianças em idade escolar -Despertar intelectual da criança e neuropatias -Princípios de psicologia e correlação inteligência e personalidade -Problemas de caráter motor -Vacinação -Procedimentos e medidas para evitar agravos e mortes por doenças -Deformidades físicas -Noções de moral e ética -Instituições para formação de médicos capacitados

Fonte: Elaboração da autora.

Devido à limitação de páginas no que se refere à escrita do texto, optou-se por analisar um tema publicado a cada número, mostrando as relações entre o discurso higienista e os tópicos abordados pela Revista. As terminologias elencadas no número 01 aparecem diluídas em vários momentos dos textos e artigos que compõe essa edição, como se percebe a partir da citação que segue a qual reflete sobre as questões relativas à associação entre doença e moral, descrevendo como o abuso do álcool pode acarretar problemas inerentes à saúde mental:

Compreende-se, pois, na prática médico-legal, a necessidade de se fixarem os limites entre os dois aspectos quantitativos da ebriedade, para a devida aplicação da pena instituída. Sabidos os distúrbios psico-mentais que soem advir pela usança do álcool, não é difícil aquilatar-se o verdadeiro estado de consciência ao ajuizar-se daquele requisito exigido pelo Código – *completa* ou *incompleta* (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 01, 1920, p. 32, grifo no original).

Foucault (2001) infere que o saber médico se articula em conjunto com o saber jurídico a partir do século XVIII, construindo uma ponta que preconiza a disciplinarização e a normalização dos corpos, exercendo sobre os mesmos um controle que é produzido através de uma série de mecanismos, articulados através do discurso. A citação acima sintetiza a ideia foucaultiana, principalmente, porque articula sobre a necessidade de compreender o alcoolismo como uma questão médico-legal¹⁹. Faure corrobora com essa assertiva ao afirmar que:

(...) o debate sobre as relações entre o moral e o físico logo encontra saídas bem concretas e métodos de observação científicos. Depois da Revolução [Francesa], os desvios, a loucura, a criminalidade e a delinquência são problemas que se tenta controlar pela prevenção e reintegração dos culpados na sociedade. O tratamento dos problemas sociais depende tanto da ciência quanto da política. Nesse contexto, a frenologia seduz médicos, psiquiatras e reformadores sociais que veem nela um rigoroso método de análise fundado na observação e que leva a aperfeiçoar os indivíduos e a sociedade (FAURE, 2008, p. 46).

A sociedade que nasce no contexto do surgimento do universo capitalista depende de indivíduos bem articulados ao meio em que vi-

19 "Várias são as considerações que se podem entreter em torno da questão médico-legal do alcoolismo. Com efeito, quem atenta nesse problema, há de levar em conta o estado de consciência, ou seja, a metrificação das faculdades que integram o psiquismo, para indagar se ela é de todo ausente ou se comparece em parte, ou em retalhos, no momento em que o indivíduo, entrando em desarmonia com o meio social onde vive, comete o ato delituoso" (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, número 01, 1920, p. 32, grifo no original)

vem e saudáveis para implementar as ações de produção de que esta sociedade necessita. Advém daí a lógica dos corpos dóceis (FOUCAULT, 2001; 2015) e a necessidade de diminuir ou mesmo eliminar a vulnerabilidade destes corpos em relação às enfermidades, sejam elas advindas de doenças ou de comportamentos sociais nocivos.

Nas páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, fica evidenciado o que Lima e Hochman (1996) encontraram em sua pesquisa em relação ao abandono das populações mais carentes, em termos da saúde pública, na região sudeste do Brasil. Isso pode ser percebido através do artigo intitulado *Isolamento do 'Trypanosomo cruzi' e outras noções concernentes à Moléstia de Chagas, no Rio Grande do Sul*, o qual foi publicado no número 02 da Revista. Assinado pelo médico Gastão de Oliveira, o trabalho apresenta a seguinte conclusão sobre a enfermidade:

Nestas regiões o homem vive em completo abandono dos mais elementares princípios de higiene domiciliar, individual e alimentar. Com ele, habitam insetos infectados e infectantes, que se locupletam do seu sangue; será que, malgrado achem-se reunidas todas as possibilidades de infecção, não lhe transmitam eles a doença de que são hospedeiros e transmissores? E as crianças, cobertas de suas picadas, mal alimentadas, verminosadas, resistirão ao embate? (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 02, 1920, p. 76).

Para Bertolli Filho (2011) em que pese o Brasil ter adotado um maior rigor em termos de saúde pública no início do século XX ao seguir princípios e práticas de caráter higienista, as camadas mais pobres da população continuavam sofrendo devido às condições precárias de vida que lhes assolavam. Sem acesso à água potável, serviço de esgoto e sofrendo de insuficiência alimentar, os habitantes dos “rincões” (termo utilizado por Oliveira no artigo supracitado para se referir ao interior do Rio Grande do Sul), eram acometidos por doenças que os caracterizavam como “(...) atrasados intelectuais,

indivíduos inaptos para o trabalho” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 02, 1920, p. 76).

Entre as medidas para melhorar a saúde da população, a Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, em seu número 03 aponta para a vacinação como uma maneira eficaz de prevenir enfermidades. Matéria assinada pelo médico Saint-Pastous, que exercia sua clínica na cidade de Alegrete, informa sobre o tema falando sobre a vacinação preventiva contra o tifo executada na cidade:

A cidade de Alegrete pode fornecer uma valiosa contribuição em abono da eficácia da vacinação preventiva contra a febre tífica e suas afins. Estas infecções grassavam, com caráter endêmico, em Alegrete; os casos, frequentes e quase sempre graves, fatais em grande parte, verificavam-se tanto nas classes abastadas como entre os indigentes (...). O justo pânico, então manifestado pelo povo dessa localidade (...) fez com que a população, senão na sua totalidade pelo menos em porção considerável, procurasse imunizar-se contra o mal temido de todos. Os resultados dessa medida de prudência e de amor à própria vida excederam as expectativas mais otimistas, pois a vacinação foi posta em prática em larga mão, no começo de 1917, e desde essa época até nossos dias não temos tido conhecimento de casos novos, salvo os existentes entre os desvalidos que, mercê de sua indigência, não puderam usufruir dos benefícios do recurso profilático de que nos ocupamos (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 03, 1920, p. 143).

A citação transcrita faz a menção a questões importantes que merecem um olhar mais atento. A começar, é preciso ressaltar a adesão da população alegretense a vacinação apenas 13 anos após o movimento que ficou conhecido historicamente como a Revolta da Vacina.

Ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, este movimento foi ocasionado pela desconfiança por parte da população em relação à crescente intervenção médica naquele centro urbano, somado ao fato de que as pessoas passaram a ser retiradas à força dos ambientes

pelos quais circulavam e nos quais habitavam, processo esse que foi realizado sob a vigilância da polícia (BERTOLLI FILHO, 2011).

A situação tornou-se ainda mais tensa quando o Congresso Nacional aprovou a lei que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola, levando a insurgência popular uma vez que esse tipo de medida profilática nunca antes havia sido adotada no Brasil. Agregado a este fato estava o desconhecimento em relação aos componentes e à qualidade do material utilizado para a imunização (BERTOLLI FILHO, 2011), levando ao confronto entre a população e a força policial que acarretou na morte de manifestantes.

Por qual razão o cenário em Alegrete é diferente do vivenciado na cidade do Rio de Janeiro? Um dos motivos pode ser a ação do médico enquanto educador, conforme auferem as páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, quando anuncia que: “A profilaxia, pela vacinoterapia preventiva, das febres tíficas e paratíficas é uma das conquistas de maior valia da Medicina hodierna” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 03, 1920, p. 142).

É necessário também considerar que o cenário histórico em que o texto é escrito: conjunturalmente o mundo já havia enfrentado a Primeira Guerra Mundial, movimento no qual a vacinação preventiva das tropas envolvidas no conflito mostrou-se um elemento importante para garantir a saúde dos soldados e a proteção de seus corpos diante das agruras de um cenário de combate (STIKER, 2008; AUDOIN-ROUZEAU, 2008). Os médicos em exercício no Brasil neste momento, são herdeiros destas tradições e demonstram ter conhecimento sobre o que se discute no exterior em relação ao tema:

(...) limitamo-nos a repetir aqui uma referência feita por uma Revista médica de Paris a propósito de um contingente de alguns milhares de soldados franceses, destinados a combater nas inóspitas regiões da África (...). Os soldados embarcados em França estavam todos vacinados, o que já não sucedia

com os dois oficiais destacados na Itália (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 03, 1920, p. 143).

Outro ponto a ser ressaltado infere sobre uma questão apontada por Michel Foucault (2001; 2015) quando o autor se dedica a compreender elementos importantes sobre a história das práticas médicas no mundo ocidental. A realidade apontada pelo pensador francês mostra que nem sempre as questões inerentes às descobertas da ciência em relação ao corpo humano e à medicina como um todo atingem igualmente todas as pessoas.

Desta forma, o beneplácito alcançado pelo conhecimento adquirido em que pese ser alcançado a partir dos corpos mais pobres não necessariamente é distribuído de maneira a alcançar estes mesmos corpos. Daí compreender o motivo pelo qual “os desvalidos” conforme aufere a citação, ficam “à mercê da sua indigência” e não alcançam o tratamento adequado: eles não podem pagar por isso. Vale ressaltar que no ano de 1920, o Brasil não conta com atendimento médico disponível para a população mais pobre, a qual buscava auxílio nas instituições conhecidas como Santa Casa de Misericórdia, cuja origem remonta aos anos do século XVI (BERTOLLI FILHO, 2011).

Será no número 04 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina que as particularidades das questões higienistas e sua relação com a saúde pública serão trazidas à tona, em meio às discussões sobre casos clínicos debatidos pelos docentes da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, durante a reunião da Sociedade de Medicina. Na página 182 do referido número, transcreve-se um artigo publicado por Bruno Lobo²⁰ no jornal *A Folha Médica*, que circulou no Rio de

20 Nascido em 1884, Bruno Lobo foi médico e professor. Também alcançou o posto de Diretor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reconhecido como a mais antiga instituição científica do Brasil, cuja fundação remonta à vinda da Família Real em 1808. Entre as ações de pesquisa realizadas por Lobo está uma visita a Ilha da Trindade, no litoral do Espírito Santo, cujo objetivo foi coletar espécimes da fauna e da flora locais, entre eles vermes endoparasitas que foram levados para estudo nos laboratórios do futuro Instituto Oswaldo Cruz, à época conhecidos como laboratórios de Manguinhos.

Janeiro neste mesmo ano de 1920, intitulado *Saúde Pública*. No texto é possível perceber os primeiros passos que se articulavam no sentido de constituir um órgão governamental responsável pelos cuidados com a saúde da população:

O Departamento Nacional de Saúde Pública está em via de organização. Lançadas as bases pelo Congresso ao findar o ano passado, sancionada a lei em Janeiro e decretado o Regulamento, com um mês de antecedência a sua entrada em vigor, é de crer que a primeiro de Julho já esteja a administração Pública armada dos elementos necessários a uma ação pronta e coesa a tanto tempo esperada e agora mais do que nunca necessária ao amparo da população do nosso país (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 0 4, 1920, p. 182).

Lima e Hochman (1996) mostram em sua pesquisa que a lógica articulada pelo disposto nas páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina vinha sendo proposta no país desde o ano de 1916, quando da elaboração de uma pauta política e intelectual encabeçada pelos médicos sanitaristas (entre eles Oswaldo Cruz) a qual "(...) proclamou a doença como principal problema do País e o maior obstáculo à civilização" (LIMA, HOCHMAN, 1996, p. 23).

O teor do artigo publicado mostra que o movimento que apoiava a questão do saneamento no Brasil acreditava na necessidade de ações que fossem envidadas pelo Estado brasileiro, cujos princípios se pautassem em medidas de caráter técnico e contassem com a colaboração dos cientistas para alcançar bons resultados. A comprovação desta ideia pode ser observada a partir da leitura da citação abaixo transcrita:

Mostrou o Governo da República alta compreensão, tornando conhecida em suas minúcias a nova regulamentação antes da mesma entrar em vigor, evidentemente com o fito de provocar a crítica aceitando a colaboração dos cientistas interessados no magno problema da Saúde Pública, que tão de perto está ligado com a formação da nossa nacionalidade (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 04, 1920, p. 182).

Os cientistas aos quais o texto se refere não eram outros senão os médicos com a formação competente para o exercício da profissão os quais passariam a ter no contexto, um papel de extrema importância no que se refere a organização nacional. No discurso dessa elite intelectual era possível perceber “(...) o descontentamento com a subordinação das áreas da educação e da saúde ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, visto como uma agência dominada pelos políticos e pelos bacharéis” (LIMA, HOCHMAN, 1996, p. 25).

A palavra de ordem que despontava era a autonomia que deveria ser garantia para que os médicos conseguissem executar o Regulamento possibilitando, através dessas ações que o Brasil se tornasse um país saneado, cuja população gozasse de saúde e fosse fisicamente forte:

Confiantes na ação de Carlos Chagas e de seus dignos auxiliares, suportando os sacrifícios pecuniários feitos e a fazer, encarando com simpatia a pressão benfazeja da nova lei, a classe médica e as profissões afins, devem facilitar a execução do futuro Regulamento a fim de que tenhamos em breve um País saneado e habitado por um Povo forte e são (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Número 04, 1920, p. 182).

Como mencionado anteriormente, os números 05 e 06 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina apresentam edição conjunta e foram lançados em dezembro de 1920. Entre os textos publicados na edição destaca-se o artigo assinado pelo médico e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Raul Moreira, intitulado *Despertar Intelectual da Criança e Futuros Neuropatas*. Neste trabalho, o médico se propõe a apresentar ao público leitor da revista “(...) o desabrochar e certas manifestações mórbidas do psiquismo daqueles a quem devemos abrir os braços, hoje para o nosso carinho, amanhã para o nosso orgulho” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 200).

Na opinião do médico, quanto antes começarem a ser tratados os possíveis “desvios da normalidade” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 200), mais chances terá a criança que deles sofre de constituir-se em um adulto saudável em termos psicológicos.

Michel Foucault apresenta o surgimento de um discurso de controle sobre a infância que visava vigiar, normatizar e corrigir os corpos infantis, através de práticas as quais, conforme o autor, propunham o “(...) vigoroso policiamento do corpo” (FOUCAULT, 2001, p. 294). A campanha desencadeada pelo discurso religioso durante o século XVIII culminou na vigilância relativa à sexualidade articulando uma nova forma de relacionar-se com o corpo, o qual deixa de ser uma possível fonte de prazer para o ser humano a fim de tornar-se um instrumento a serviço das forças do capital (FOUCAULT, 2001).

Neste sentido, o filósofo francês aponta para o fato de que os corpos infantis passaram a ser alvo de uma “cruzada antimasturbatória” (FOUCAULT, 2001, p. 300), a qual desencadeará, em meio ao discurso biomédico que se fortalece no século XVIII, a premissa de que o desejo sexual e as práticas como a masturbação deveriam ser entendidas como um desvio de comportamento, ato de loucura tido, pois, como anormal e vicioso. Observe-se a citação que segue, retirada do artigo de Moreira e publicada na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina em 1920:

É assim também que, em consequência da vontade débil e de exagerada e precoce excitabilidade sexual, alguns deles são levados, irresistivelmente, quase sempre pelo mau exemplo, a se entregarem ao vício da *masturbação* (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 210, grifo no original).

O texto de Moreira apresenta uma série de elementos que caracterizariam o comportamento infantil até o momento em que

esta criança chega a se tornar um “viciado em masturbação”: o processo inicia com fobias ou ideias obsessivas por parte dos infantes, como por exemplo medo do escuro, de temporais ou de estar sozinho. Posteriormente, as crianças que não são adequadamente ensinadas a lidar com seus medos já começam a manifestar outros tipos de sintoma:

É trivial encontrar crianças, com tara neuropata, a fazer caretas, morder os lábios, a *queilofagia*, e por eles passar, quase ininterruptamente a ponta da língua...

E se os movimentos se generalizam, atingindo grande número de territórios musculares, podem-nos levar à confusão com a chamada *Dança de S. Guido* (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 210, grifo no original)²¹.

Quando os sintomas iniciais, listados a cima, não são devidamente tratados a criança torna-se epilética, histérica, sujeita a atos de poriomania, para em seguida tornar-se depressiva, culminando com o vício masturbatório, de acordo com a análise descrita no artigo de autoria de Raul Moreira²². Nesse cenário, o controle exercido pelos pais torna-se fundamental para vigiar a criança, desde que aquilatado pelo saber médico, conforme propõe Foucault:

Pede-se ao controle parental interno que modele suas formas, seus critérios, suas intervenções, suas decisões, com base em razões e em um saber médicos: é porque os filhos vão ficar

21 A queilofagia constitui no hábito de morder excessivamente os lábios, desencadeado por vários fatores como: estilo de vida, qualidade de vida em termos do ambiente familiar que rodeia a pessoa acometida e problemas de caráter psicológico. A Dança de São Guido (ou São Vito) constitui em uma enfermidade do sistema nervoso central, e se caracteriza pelo fato de a pessoa doente apresentar uma série de movimentos involuntários, que acontecem de forma aleatória e não repetitiva. A doença surge como decorrência de uma infecção por estreptococos.

22 “Tem-se visto pequenos, assim constituídos, e cuja manifestação pode ter por base um estado crepuscular epilético ou histérico, sentirem necessidade incoercível de andar. Estabelece-se então a *poriomania* ou instinto de caminhar. E saem de casa, perambulam sem meta, sem plano definido, indo-se encontra-los muito afastados de casa, às vezes, em eminente perigo de vida. Uma depressão, inexplicável, o terror de uma punição podem ser causas desse estado anormal” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 210, grifo no original).

doentes, é porque vai acontecer, no corpo deles, esta ou aquela perturbação fisiológica, funcional, eventualmente até lesional, que os médicos conhecem bem, é por causa disso – diz-se aos pais – que é preciso vigiá-los (FOUCAULT, 2001, p. 316-317).

A lógica proposta por Foucault (2001) é descrita no artigo publicado na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina na medida em que o médico que assina o texto propõe aos pais que acostumem os corpos de seus filhos a lutar contra quaisquer predisposições mórbidas, além de incentivar a prática de exercícios físicos como fator que auxilia neste quesito, conforme se observa na citação abaixo transcrita:

Devemos acostumar-lhe o corpo à luta contra fatores mórbidos, evitando o abuso de aplicações externas, excessivas e deprimentes, redundando assim em efeitos contrários.

A ginástica, os exercícios físicos, de várias naturezas, grande valor possuem, para neles criar a fonte de energia – arrimo decidido na luta contra a herança mórbida – fonte da vontade em vencer na vida, ante numerosos obstáculos, a se anteporem à sua consciência, prestes a falhar, a cair vencida... (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, Números 05 e 06, 1920, p. 210).

Percebe-se no disposto no transcrito deste trabalho que, no ano de 1920 as páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina fizeram alusão ao discurso higienista, sendo possível afirmar que ele constitui uma marca a partir da qual a formação dos médicos egressos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, imprimiu-se.

Sendo assim, em que pese o Rio Grande do Sul e a referida Faculdade de Medicina estarem fora do eixo Rio-São Paulo e não participarem de forma direta das questões articuladas nos espaços dos grandes institutos (Adolfo Lutz e Oswaldo Cruz) o pensamento inerente ao higienismo e as suas percepções em relação ao controle dos corpos alcançou também espaços periféricos, articulando-se

de acordo com a realidade neles vigentes, especificamente aqui, o sul do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados durante a pesquisa dos números 01 a 06 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina trouxeram algumas constatações importantes, a começar pela questão que preconiza a profissionalização da categoria médica no exercício das suas funções. Se até os alvores do século XX não havia maior vigilância em torno de pessoas que exerciam práticas curativas sem necessariamente possuírem uma formação para tal (curandeiros e curandeiras, pessoas com conhecimento sobre ervas e benzimentos), a partir deste momento a situação assume outra proporção e suas ações passam a ser questionadas como sendo algo prejudicial à população, negando um processo histórico que se articulava na saúde pública do Brasil desde o período colonial.

Percebe-se, neste contexto que a profissionalização da categoria se constitui em um elemento importante para exercer o controle sobre os corpos, no sentido de articular aí uma relação de poder entre o médico e a população. Neste caso, as pessoas que exercem essas relações sem a devida formação fogem a um espaço discursivo cuja marca é o teor científico e, portanto, não têm autoridade para fazê-lo.

Observa-se a partir desta premissa um processo de normatização dos corpos o qual se dilui no discurso através das relações que se estabelecem, por exemplo, entre a questão do processo saúde-doença e a moral. Assim, pode-se auferir que o discurso higienista e seus desdobramentos em vários campos marcou uma geração de médicos e a sua relação tanto com a

maneira como realizavam seu trabalho, quanto pela forma como se dirigiam às pessoas doentes sob seus cuidados.

A lógica deste discurso se propunha a articular uma série de práticas que objetivava preparar a população para atuar adequadamente nos moldes das relações de trabalho preconizadas pelas relações de produção capitalistas, que começam a articular suas ações e serviços no Brasil, no início do século XX.

Por fim, e não menos importante, as questões propostas no discurso médico como apresentado na Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina permitiu compreender que, neste momento histórico, o processo saúde-doença passou a apresentar também um caráter sociológico, possibilitando o surgimento de novas abordagens e mecanismos de controle.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. L. *Duzentos Anos de Ensino Médico no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007, 207 f. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/images/stories/biblioteca/duzentos%20anos%20de%20medicina%20no%20brasil.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

ARCHIVOS RIOGRANDENESES DE MEDICINA. Num 4. Porto Alegre, julho de 1920. Ano 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

_____. Num 5 e 6. Porto Alegre, dezembro de 1920. Ano 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

_____. Num 1. Porto Alegre, janeiro de 1920. Ano 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

_____. Num 2. Porto Alegre, março de 1920. Ano 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

_____. Num 3. Porto Alegre, maio de 1920. Ano 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

AUDOIN-ROUZEAU, S. Massacres: o corpo e a guerra. In: CORBAIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Orgs). *História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra*. vol 2, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 365-416.

BERTOLLI FILHO, C. *História da Saúde Pública no Brasil*. 5ª ed, São Paulo: Ática, 2011.

FAURE, O. O olhar dos médicos. In: CORBAIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Orgs). *História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra*. vol 2, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 13-56.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 5 ed, São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *O nascimento da clínica*. 7 ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. O nascimento da medicina social. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 79-88.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KUMMER, L. O. *A medicina social e a liberdade profissional: os médicos gaúchos na Primeira República*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002, 103 f. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3577/000340264.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LIMA, N. T.; HOCHMAN, G. Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, M. C.; CHOR, R. V. (Orgs). *Raça, Ciência e Sociedade*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, p. 23-40.

MEDEIROS, M. M., COSTA, M. S., SILVA, L. A. R. A política higienista e a formação dos “corpos dóceis” a partir do ambiente escolar. In: SILVA, A. J. N. (Org). *Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 6*. Ponta Grossa - PR: Atena Editora, 2021, p. 12-20.

STIKER, H. J. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBAIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Orgs). *História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra*. vol 2, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 347-374.

4

Gustavo Bocon Lopes

**Análise sobre o discurso em relação
à doença a partir do editorial um caso
de suor azul, da revista Archivos
Rio-Grandenses de Medicina**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.476.75-92

MÁRIO TOTTA: UM HOMEM DO SEU TEMPO

Mário Ribeiro Totta nasceu em Porto Alegre no dia 05 de janeiro de 1874, filho de Augusto Rodrigues Totta e Emília Ribeiro. Ele é patrono da cadeira 49 da Academia Sul- Rio-Grandense de Medicina conforme anui a página da instituição (ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA, a, 2021), o que comprova a sua importância para a história da medicina no estado do Rio Grande do Sul.

Uma análise da sua trajetória social e política permite perceber que o médico fez parte de pelo menos dois jornais importantes de grande circulação pelo estado, além de ocupar cargos com a anuência de figuras proeminentes da história política local, caso do líder do Partido Republicano, Borges de Medeiros. Além disso, apresentava um grau de instrução bastante incomum e elevado para os padrões da época. Sobre o assunto, informa Gomes:

Quando jovem [Mário Totta] trabalhou no *Jornal do Comércio* e foi co-fundador do *Correio do Povo* em 1895. Recebeu do governo Borges de Medeiros, o cargo de Secretário-geral da instrução pública em 1898. Ingressando na faculdade, formou-se farmacêutico em 1900. cursou um ano de Engenharia em 1901, ingressando logo após no curso de medicina da Faculdade de Porto Alegre no qual formou-se na primeira turma, da qual foi também orador (GOMES, 2009, p. 20, grifos acompanham o original)²³.

Em sua biografia, o médico afirma ter pertencido a uma família de poucas posses, de acordo com Gomes (2009), sendo esta informação corroborada pelo texto de Aloysio Achutti (1998). Entretanto, mesmo que não fizesse parte de um contexto familiar que pertencesse à elite econômica do período, é fato que esta família possuía certa colocação social, o que pode ser comprovado pelo grau de instrução primária de

23 Os jornais citados permanecem em circulação hodiernamente no estado do Rio Grande do Sul.

Mário Totta, conforme sua biografia disponível na página da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina:

(...) iniciou sua vida modestamente, depois dos estudos primários, a partir de 1882, com apenas oito anos, com os professores Jesuíno dos Santos e, a seguir, Dona Maria das Dores. Seguiu, também os cursos do Colégio São Pedro, dos irmãos Castilhos, onde completou o curso secundário (...) (ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA, b, 2021, p. 01).

Os dados apresentados até o momento permitem afirmar que Mário Totta teve contato com pessoas instruídas desde a mais tenra idade, algo bastante incomum para a maioria da população brasileira no mesmo período, conforme apontado pela pesquisa de Ferraro e Kreidlow (2004). De acordo com os autores, a taxa de analfabetismo no Brasil quando da realização do primeiro censo nacional em 1872 era de 82,3% e permaneceu sem alterações até a realização do segundo censo nacional em 1890 (82, 6%). Gomes aponta para o fato de que o acesso à educação permitiu que Totta alcançasse a condição de "(...) escritor e orador reconhecido pelos seus pares como melhor dentre eles (GOMES, 2009, p. 22).

O início da sua vida profissional se deu aos quatorze anos de idade, quando ocupou um cargo de caixeiro na Livraria Americana, espaço no qual também iniciou sua escrita literária, já que foi por esta livraria que lançou seu primeiro poema, no ano de 1892 (GOMES, 2009). A inserção neste campo permitiu-lhe singrar pelos caminhos da imprensa gaúcha do final do século XIX e início do século XX, o que lhe granjeou a amizade de nomes como Aquiles Porto Alegre, então diretor do Jornal do Comércio e Caldas Júnior, com quem trabalhou no jornal Correio do Povo. Sobre a participação de Mário Totta neste meio de comunicação, Gomes afirma que:

Mário Totta manteve-se em contato com o *Correio do Povo* até sua morte. Depois de formar-se médico, ali publicava uma coluna dando 'dicas de saúde' para a população. O jornal lhe conferiu uma grande visibilidade tanto entre seus posteriores pares médicos, quanto entre a população que tinha acesso ao jornal (GOMES, 2009, p. 22, grifos no original).

Ainda cursando o quinto ano do curso de medicina, Mário Totta foi "(...) nomeado Interno da Santa Casa de Misericórdia, tendo sido o primeiro a ser nomeado para aquele estabelecimento de caridade, por proposta do Prof. Protásio Antônio Alves (...)" (ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA, b, 2021, p. 01). A faculdade de medicina em que Mário Totta cursou a sua graduação é a terceira escola médica fundada no Brasil e a primeira nascida sob a égide do regime republicano (AMARAL, 2007).

Neste sentido, a faculdade de medicina de Porto Alegre faz parte do momento histórico no qual se procurava modernizar o Brasil em vários setores, entre eles o da saúde pública, cuja condição era complexa devido a uma série de fatores, entre eles a falta de planejamento para o setor, processo esse que teve seu início orquestrado pelo movimento sanitário. Para Lima e Hochman, o final do século XIX e início do século XX marcou a história da saúde pública brasileira pois se verificou a necessidade de se promoverem reformas neste campo, já que:

(...) este movimento teve papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro. Para o movimento pelo saneamento do Brasil, a redenção nacional demandava ações centralizadas, nacionais e tecnicamente autônomas, que legitimariam o crescimento do papel do Estado brasileiro no campo da saúde pública (LIMA; HOCHMAN, 1996, p. 23).

Mário Totta teve a sua formação médica pautada nesse princípio cientificista eivado pelo surgimento dos primeiros institutos reconhecidos nacionalmente como centros de produção de conhecimento científico

sobre saúde e doença, como por exemplo o Instituto Adolfo Lutz em São Paulo e o Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro (MARTINS, 2002).

Vale salientar que, embora fosse a terceira escola médica criada no Brasil, a faculdade de medicina de Porto Alegre não fazia parte do eixo central no qual ocorriam as discussões e também não possuía papel central nas tomadas de decisão relativas ao discurso higienista que vigorava no país neste contexto (GÓIS JÚNIOR, LOVISOLO, 2003). Esta condição periférica também reflete a criação da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, como maneira encontrada pelos médicos gaúchos (entre eles Mário Totta) para demonstrar a potencialidade intelectual e científica que os estudos realizados por eles possuíam, seguindo os mesmos parâmetros (ou parâmetros próximos) ao que estava sendo debatido no eixo Rio-São Paulo. Essa premissa pode ser confirmada pela leitura do editorial do número 01 da Revista, o qual anuncia que:

Não cabem aqui frases supérfluas à guisa de um artigo fundo: a necessidade de um jornal de medicina entre nós se justifica por si. Centro de um vasto labor científico e aparelhado, com a multiplicidade dos seus estabelecimentos oficiais e particulares, para os largos estudos da medicina, Porto Alegre se ressentia da falta de uma revista deste gênero (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01).

É nesta atmosfera, eivada pela ideia de cientificidade latente que Mário Totta irá colaborar com o periódico médico responsável por se configurar no “(...) o marco inicial e valioso de estudos ulteriores do mais alto remígio” (ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA, 1920, p. 01). Tanto isso é um fato que Totta se tornou um dos redatores do periódico.

Diante do exposto, o presente artigo passa agora a analisar como o discurso científico sobre a doença, do qual a Revista e seus articulistas se consideravam herdeiros e arautos, está representado no

editorial publicado no número 02 da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina, o qual recebe o título de *Um caso de suor azul* e foi assinado por Mário Totta tornando-se de conhecimento público em março de 1920.

UM CASO DE SUOR AZUL: O DISCURSO SOBRE A DOENÇA NA IMPRENSA MÉDICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

O editorial *Um caso de suor azul* já enuncia desde o início, a complexidade da doença que está sob os cuidados do médico e autor do texto, Mário Totta. O parágrafo inicial informa sobre o assunto que:

A literatura médica é sobremaneira deficiente no que se refere à cromidrose. Aqui e ali, esparsas em obras de patologia geral, se encontram apenas, de par com a anotação de dois ou três casos, as clássicas citações do bacilo piocianico como fator azul (TOTTA, 1920, p. 48).

Observa-se que a escolha de palavras como “deficiente” e “escasso” demonstra o grau de dificuldade do médico em precisar um diagnóstico coerente e também denota a tentativa por parte do clínico, em seguir as pistas de uma doença que se revela através de pequenos rastros como por exemplo, o referido “fator azul”. Aliás, a raridade desta doença é confirmada ainda na contemporaneidade, como expressam Telles e colaboradores (2016) anunciando que a doença se caracteriza pela produção de suor colorido o qual é excretado pelas glândulas sudoríparas a partir de regiões do corpo como rosto, tronco e virilhas.

Logo após descrever o quão complexo é diagnosticar uma enfermidade devido à falta de literatura científica que ampare o trabalho do clínico, obrigando-o inclusive a buscar por fontes na literatura

médica estrangeira²⁴, Mário Totta se dispõe a apresentar a anamnese²⁵ do doente sob seus cuidados. Revela o texto que:

Trata-se de um homem de 46 anos, branco, casado, natural da Europa e residente, desde tenra idade, em Porto Alegre.

Não sei, com precisão, dos seus antecedentes maternos. O pai era um epilético e morreu, já em idade avançada, num dos ataques do mal. O meu doente tem ainda uma irmã que é também epilética. Ele mesmo é um *tarado*. A sua história, e afora moléstias triviais de curta duração e sem resquícios, é toda pontilhada de *crises nervosas*, expressadas, às vezes, em períodos de excitação, com *megalomania*, exagero de trabalho mental e físico, em aturados dias de labor sem trégua e sucessivas noites de insônia; ora em *quedas de depressão*, de *profunda tristeza*, crises estas que ele atravessa enclausurado no seu quarto, fugindo a toda comunicação com os seus (TOTTA, 1920, p. 47, grifos dos autores).

As considerações tecidas por Mário Totta em relação ao doente inferem premissas apontadas por Canguilhem (2002), quando este autor busca elucidar as fronteiras entre o que pode ser considerado normal e o que pode ser considerado patológico em termos do processo saúde-doença. Seu trabalho busca integrar “(...) à especulação filosófica alguns dos métodos e das conquistas da medicina” (CANGUILHEM, 2002, p. 16) para compreender a interpretação que a fisiologia apresenta em relação à enfermidade.

Assim, a partir do pensamento de Canguilhem (2002) torna-se possível questionar: em que limiar está a fronteira entre o que a medicina considera “normal” e o que pode ser considerado “patológico”?

24 “O mais farto manancial sobre o tema, encontrei-o eu no *Diagóstico Médico*, de Eichorst e aí mesmo o filão é escasso, correndo dentro de uma dúzia de linhas, das quais emergem Scherer com um caso e Bergmann com outro e onde Marfan, um dos anotadores do livro alemão, cita a tese de Fouré sobre os suores corados” (TOTTA, 1920, p. 48).

25 De acordo com o Dicionário Médico, anamnese seria o estudo dos “antecedentes ou comemorativos de uma doença ou de um paciente”, disponível em <<https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/display.php?action=search&word=anamnese>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

Neste sentido, percebe-se que, do ponto de vista médico estes dois espaços se dividem em problemas teratológicos e nosológicos.

Da alçada da teratologia fazem parte os indivíduos que Michel Foucault enunciará como sendo os monstros humanos. O autor entende que essas figuras nasceram do contexto do discurso jurídico, mas foram apropriadas ao contexto do discurso biomédico para explicar alguns comportamentos anômalos e para impetrar, por parte deste discurso uma forma de controle sobre os indivíduos, constituindo-se no que o autor irá chamar de “domínio jurídico-biológico (FOUCAULT, 2001, p. 69-70).

Quando Mário Totta atribuiu ao enfermo o adjetivo “tarado” ele o qualifica como alguém que é moralmente desequilibrado, portanto defeituoso. Essa figura desviante, carrega em si marcas de uma “(...) transgressão do limite natural” (FOUCAULT, 2001, p. 79) que surgirá no mundo do discurso judiciário e do discurso biomédico ao final do século XVIII (FOUCAULT, 2001), incidindo na ideia de anomalia que precisa ser ajustada e corrigida.

Dessa correção faz parte a alocação de Canguilhem (2002) no sentido de entender esse discurso sobre o normal e o patológico como um elemento que se constitui em lugar de normalização social, de espaço de correção política desse corpo enfermo para que tecnicamente ele possa voltar a ser útil nos termos da produção capitalista nascente entre os anos da primeira e da segunda Revolução Industrial (ou seja, entre os séculos XVIII e XIX).

Da alçada da nosologia, fazem parte as questões relativas às doenças em suas manifestações físicas propriamente ditas, ou seja, em seu aspecto classificatório no que se refere às suas características, sintomas e possibilidade de tratamento (CANGUILHEM, 2002). Quando Totta se refere ao doente como alguém que sofre de “crises nervosas”, “megalomania”, “quedas de depressão” e “profunda tristeza”,

está construindo um quadro nosológico com o intuito de caracterizar uma enfermidade, o que para Canguilhem pode configurar-se em um problema, pois:

É de um modo bastante artificial, parece, que dispersamos a doença em sintomas ou a abstraímos de suas complicações. O que é um sintoma, sem contexto, ou pano de fundo? O que é uma complicação, separada daquilo que ela complica? Quando classificamos como patológico um sintoma ou um mecanismo funcional isolados, esquecemos que aquilo que os torna patológicos é a sua relação de inserção na totalidade indivisível de um comportamento individual (CANGUILHEM, 2002, p. 64-65).

Que fatores foram suficientes para que o médico atribuisse ao doente o epíteto de “tarado”? Que elementos serviram como base para que ele fosse caracterizado como megalomaniaco e depressivo? Se o caso a ser tratado infere a cromidrose, por que essas marcas de distinção adjetivas são importantes para o diagnóstico e o tratamento da doença? Para Henri-Jacques Stiker (2008), a perspectiva que constrói a resposta a esses questionamentos não pode ser separada do processo social e histórico a partir do qual o entendimento do corpo enfermo é construído.

Sobre o assunto, informa Stiker:

A empresa se complexifica ainda porque, tanto no nível dos indivíduos atingidos como no das representações, a enfermidade mantém relações estreitas com fraquezas de outra ordem que as do *soma*, até se confunde com ela: a loucura, por um lado; a debilidade mental, por outro. Essas perturbações se traduzem no corpo, ou inversamente, uma aparência corporal é interpretada como um desvio mental e psíquico (STIKER, 2008, p. 348, grifo no original).

A partir do proposto por Stiker, se consegue vislumbrar o que o editorial pretende comprovar através do olhar do clínico, e que infere que “(...) só nos indivíduos nervosos e nos momentos de emoção,

é que se encontram os suores corados” (TOTTA, 1920, p. 48), ou seja a doença aparece enquanto manifestação/interpretação de um problema mental, a partir da leitura feita pelo médico em relação à pessoa doente sob seus cuidados, ou dito de outra forma, tangenciada pelo seu olhar em relação a esse indivíduo.

A redação apresentada pelo editorial configura uma tentativa de construir aquilo que Stiker aborda como sendo a construção da “ideia de degenerescência” (STIKER, 2008, p.369). Neste contexto, percebe-se a formação de uma ideologia que concebe um novo tipo de ser humano o qual está sendo constantemente ameaçado pela decadência (no caso do editorial a terminologia que expressa esse posicionamento está descrita no uso das expressões “tarado”, “crises nervosas”, “megalomania” e demais correlatas a descrição do enfermo).

Essa construção histórica e social sobre a representação da doença torna a pessoa doente responsável por si e pela sua condição, conforme indica Stiker:

Ora, aquele que decai não está isento de toda responsabilidade: se decai porque é doente, que ele se cuide e que se cuide dele, se decai porque cometeu falta (consanguinidade, alcoolismo, etc.) que seja restabelecido pela assistência ou que seja punido (...) (STIKER, 2008, p. 369),

Compreende-se aqui a ideia da punição corroborada com o ajuste deste corpo enfermo à sociedade no sentido de que seja devolvido a ela na condição de corpo útil, ou dócil (FOUCAULT, 2015), construindo assim uma relação com a ideia de normalidade que depende da possibilidade de infrações à norma que este corpo alcança (CANGUILHEM, 2002).

Outro ponto importante trazido pelo editorial e que fortalece a premissa da ideia de degenerescência (STIKER, 2002) está disposta nas linhas que buscam relatar sobre a hereditariedade de uma possível

doença que faça parte da história familiar do sujeito tratado pelo clínico, já que seu pai e irmã são epiléticos. Na opinião de Stiker, no momento histórico em que a ideia de degenerescência surge, o pensamento médico a percebe como sendo algo advindo da espécie, estando representada em certos grupos humanos (STIKER, 2008). Desta forma:

Aqui a hereditariedade desempenha um papel importante. A degenerescência na espécie implica que se busquem as suas raízes: a hereditariedade oferece a solução. Hereditariedade que é menos vista como ligada a um dado biológico (...) do que como transmissão de taras resultantes de certas circunstâncias dos meios de vida (STIKER, 2008, p. 367).

No caso específico, o pai do doente de que trata o editorial era epilético, a irmã apresentava o mesmo problema. Percebe-se assim a construção de uma representação que indica um caso de degenerescência que vai acometendo toda a família e que permite entrever uma fraqueza da qual o comportamento e a doença são manifestação.

O editorial prossegue a descrição do doente trazendo as seguintes informações:

Médico licenciado, com um vistoso *Dr.* na fachada da casa e à porta do automóvel, rasga quando a quando uma janela de jornal e nela se debruça, para anunciar a cura da tuberculose, por um remédio seu que ele julga infalível. Ledor, em tempos, de Alan Kardec, se jacta de ser um grande médium e, tendo passado os olhos num livreco qualquer sobre questões de hipnotismo, se crê possuidor de invencível força magnética (TOTTA, 1920, p. 47-48).

Não existe a possibilidade de verificar sobre a formação acadêmica do doente em questão, mas o texto permite entrever que é uma pessoa que detém algum tipo de posse econômica, já que ele tem um automóvel e, de acordo com o articulista é médico licenciado.

No entanto, o que mais chama a atenção na citação acima transcrita é a maneira irônica como o médico se refere ao doente.

O processo em relação a isso pode ser percebido quando o texto anuncia que a pessoa enferma possui um “vistoso Dr. na fachada da casa” e “na porta do automóvel”. O termo “vistoso” é inerente ao que dá na vista, ou melhor dito ao que chama a atenção e, no caso, é utilizado para expressar a condição de alguém que se diz capaz de curar a tuberculose, ato este que, no tempo em que o texto foi escrito era algo inatingível, pois o diagnóstico da doença era quase uma sentença de morte.

A ideia apresentada pelo texto apenas reforça a tese de incapacidade mental da pessoa doente sob os cuidados de Mário Totta, ao que ainda é somado o fato desse sujeito se “jactar” de ser médium e de ler “livreco” sobre hipnotismo. A palavra “jactar” traz um forte significado semântico relacionado a bazófia e ao ato de vangloriar-se, sendo utilizada no editorial na condição de uma adjetivação pejorativa, permitindo a compreensão irônica da observação que resume o pensamento do emissor do discurso em relação ao objeto da sua ironia. Para Duarte esse processo significa que:

(...) a ironia não é apenas uma questão de vocabulário: não se resume a uma inversão de sentido de palavras, mas implica também atitudes ou pensamentos, dependendo a sua compreensão de o receptor perceber que as palavras não têm um sentido fixo e único, mas podem variar conforme o contexto (DUARTE, 2006, p. 22).

Outro ponto que corrobora com o conceito de ironia proposto por Duarte e que pode ser percebido no editorial, está no uso do termo “livreco”. A escolha do diminutivo mostra o quanto o olhar do clínico considera pouco importante as questões sobre hipnotismo que a pessoa enferma estudou, pois elas estão contidas em um “livreco”, portanto, um livro de menor importância ou mesmo, sem importância

alguma. Logo, é possível auferir que mesmo as queixas do doente em relação a sua doença fossem também consideradas de menor importância o que é explícito no trecho que segue:

A primeira vez que o doente se referiu ao seu suor azul, estávamos em conferência, junto ao leito dele eu e o *ilustrado* colega dr. Carlos Penafiel. *Nenhum de nós, naquela ocasião, ligou ao fato maior importância*: sintomas de inquietadora gravidade apresentados pelo paciente no momento, exigiam nossa mais acurada atenção (TOTTA, 1920, p. 48, grifos dos autores).

A citação expressa acima traz uma lógica de construção discursiva que empodera e valoriza o médico em relação ao sujeito doente, perceptível no uso do adjetivo “ilustrado”. Uma pessoa ilustrada é alguém dotado de sabedoria, portanto, considerada sábia. Em geral, não é uma pessoa que utilizaria da jactância (utilizando a contraposição das palavras para mostrar como o discurso é construído) para colocar as suas ideias e expressar seus pontos de vista. A partir deste trecho se constrói de forma mais efetiva ainda o lugar de discurso que separa o doente e o objetifica (FOUCAULT, 2015), do lugar ocupado pelo saber médico e pelos seus representantes.

Quando nenhum dos médicos liga importância ao que o enfermo sob seu tratamento informa em relação ao seu estado e em relação ao suor azul que possivelmente o aborrecia, nota-se a assertiva proposta por Foucault, na qual “(...) o paciente é apenas um fato exterior em relação àquilo de que sofre; a leitura médica só deve tomá-lo em consideração para colocá-lo entre parênteses” (FOUCAULT, 2015, p. 07). E é exatamente o que ocorre, pois, os médicos se debruçam sobre os outros sintomas que, aos seus olhares são mais importantes que as reclamações do doente. Para Canguilhem isso se explica pelo fato de que os médicos:

(...) se [desinteressam] de um conceito que lhes parece ou excessivamente vulgar ou excessivamente metafísico. O que lhes interessa é diagnosticar e curar. Teoricamente, curar é fazer

voltar à norma uma função ou um organismo que dela tinha se afastado. (CANGUILHEM, 2002, p. 93-94).

É possível perceber, a partir da construção do editorial que as queixas da pessoa doente em relação ao seu suor azul só foram levadas em consideração quando o enfermo manifestou “(...) meses mais tarde (...)” (TOTTA, 1920, 48) nova reclamação sobre o fato. Foi então que o clínico resolveu debruçar-se sobre a questão sem, no entanto, lograr uma solução ao problema.

A partir do exposto neste artigo, podemos observar que o discurso construído em relação à doença e ao doente apresenta marcas tecnicistas que embasam a lógica do pensamento clínico em determinadas áreas como a fisiologia e em premissas que evocam uma relação de causa e efeito, sem necessariamente compreender ou considerar os saberes oriundos da pessoa doente. Na visão de Canguilhem (2002) este processo acaba por definir padrões de normalidade e de patologia que não necessariamente servem como aporte para definição da ideia de saúde e doença.

A ampliação dessa definição se daria pelo respeito à subjetividade da pessoa enferma, pois segundo Canguilhem a doença pode significar para o doente “(...) uma forma diferente de vida” (CANGUILHEM, 2002, p. 66). Nesse sentido, ouvir as queixas da pessoa enferma torna-se uma atitude pertinente e de respeito à dignidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do editorial da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina proposto nesta pesquisa permitiu compreender algumas questões importantes sobre o discurso em relação à doença no início do século XX. Há que se salientar primeiramente que, em que pese

ser um estado periférico em relação ao eixo Rio-São Paulo, no qual estavam os centros difusores do conhecimento relativo à ciência médica, o Rio Grande do Sul se dispunha a consolidar-se enquanto espaço de produção de saberes nesse sentido.

O uso, por parte de Mário Totta, de referenciais estrangeiros para elucidar dúvidas e buscar um diagnóstico em relação ao caso de suor azul sob seu tratamento mostra a tentativa de construir e consolidar um tipo específico de conhecimento, que tivesse base no que existia então de melhor em termos de ciência, para possibilitar a legitimidade do seu discurso.

Outro ponto a ser observado diz respeito ao fato de que o texto do editorial permite compreender que a medicina nesse momento histórico, observa a doença como algo que se desvia do que é considerado natural e, portanto, estabelece parâmetros para que esse corpo degenerado ou anômalo retorne à esfera do que ela irá considerar saudável.

O que atribui a um corpo a característica de normalidade ou de possuir uma patologia é o olhar do clínico, que encerra no seu conhecimento os saberes efetivos a partir dos parâmetros fisiológicos para diagnosticar e atribuir um tratamento visando a correção desse corpo degenerado.

Nesse contexto, não necessariamente o saber médico levará em consideração a relação que o sujeito doente estabelece com a sua doença e nem as queixas que ele declara, como pode ser percebido pelo fato de que Totta e seu colega atribuíram menor importância às queixas relativas ao suor azul quando mencionadas pela pessoa enferma, já que ao seu olhar havia coisas mais importantes a serem tratadas.

É possível observar também que os saberes que a pessoa doente traz consigo não são considerados em primeira ordem, nesse momento histórico. Isso é exemplificado pelo fato de o médico desconsiderar as questões sobre hipnotismo que são fruto do conhecimento do indivíduo ao qual ele prescreve tratamento, indicando que o clínico, não as percebe como potencialmente científicas, logo, não possuíam valor efetivo.

Por fim, a pesquisa trouxe como elemento importante a compreensão do que o saber médico entendia no período do início do século XX em termos de sintomatologia e que era a partir desta compreensão que se definia o que era necessário à pessoa enferma em termos de tratamento, sem necessariamente ouvir as queixas dessa pessoa ou tentar entender a sua percepção em relação à doença, desrespeitando a sua condição enquanto ser humano e tornando-a um mero receptáculo da doença.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA. *Cadeiras*. Disponível em: <<http://academiademedicinars.com.br/caadeiras/?showAll=true#showmore>, >. Acesso em: 06 jan. 2021, a.

ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA. Mário Ribeiro Totta. Disponível em: <<http://academiademedicinars.com.br/caadeiras/mario-ribeiro-totta/>>. Acesso em: 06 jan. 2021, b.

ACHUTTI, A. *Cem anos de formação médica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre; Tomo Editorial, 1988, v. 1.

AMARAL, J. L. *Duzentos Anos de Ensino Médico no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2007, 207 f. Disponível em: <<https://portal.cfm.org.br/images/stories/biblioteca/duzentos%20anos%20de%20medicina%20no%20brasil.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2019.

ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA. Editorial, n 01, ano 01, Porto Alegre, 1920, p. 01. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

_____. um. 02, Porto Alegre, janeiro de 1920, ano 01. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 11 out. 2019.

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. 5ª ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2002.

DICIONÁRIO MÉDICO. *Anamnese*. Disponível em: <<https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/display.php?action=search&word=anamnese>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

DUARTE, L. P. *Ironia e Humor na Literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

FERRARO, A. R.; KREIDLLOW, D. Analfabetismo no Brasil: Configuração e Gênese das Desigualdades Regionais. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 2, jul/dez, 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25401/14733>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GÓIS JÚNIOR, E., LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e Continuidades do Movimento Higienista no Brasil do Século XX. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set. 2003. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/172/181>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

GOMES, T. P. *Entre a Prática e a Ciência: o parto através da trajetória do médico Mário Totta (1904-1940)*. Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21319>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

LIMA, N. T.; HOCHMAN, G. Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, M. C.; CHOR, R. V. (Orgs). *Raça, Ciência e Sociedade*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, p. 23-40.

MARTINS, A. C. P. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. *Acta Cirurgica Brasileira*, São Paulo, v. 17, supl. 3, p. 04-06, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502002000900001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2019.

STIKER, H. J. Nova Percepção do Corpo Enfermo. CORBIN, A.; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. (Orgs.) *História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra*. v. 2, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 347-374.

TELLES, M. V. L. *et al.* Cromidrose Écrina: Relato de Caso. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, v. 10, n. 31, supl. 3, out-nov, p. 166-171. 2016.

TOTTA, M. Um caso de suor azul. *Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina*, n 02, ano 01, Porto Alegre, 1920, p. 48-49. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/famed/index.php/menu/historia>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

POSFÁCIO

O ano de 2020 trouxe marcas profundas para a história da humanidade, a partir da pandemia da Covid-19. Novas formas de trabalho e ensino, pautadas no distanciamento social e nas atividades remotas tornaram-se rotineiras, assumindo a figuração de um conjunto de palavras que já se naturalizou no vocabulário de várias pessoas, o dito “novo normal”.

Diante desta situação, nós, pesquisadores e pesquisadoras do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS), nos questionamos sobre a maneira como as Ciências Humanas, alicerce da nossa prática de pesquisa, poderiam contribuir com este momento.

Desta forma, optamos por seguir a lógica de Janus, o deus do panteão romano que é bifronte: com uma das suas faces, ele observa o porvir. Com a outra, aprecia o que já se passou. Resolvemos, pois, voltar no tempo exatos cem anos e perceber de que forma o discurso biomédico modulava as mentes daqueles que seriam responsáveis por exercer os atos curativos no estado do Rio Grande do Sul e que debatiam sobre seus achados e sobre os corpos que sua prática atingia, nas páginas da Revista Archivos Rio-Grandenses de Medicina.

Um estudo das 6 primeiras edições da Revista nos revelou que este espaço era eminentemente masculino. Homens pertencentes a uma elite política, econômica ou intelectual alçavam-se (ou eram alçados) à condição de guardiões dos corpos e das mentes que precisavam ser higienizados, articulando espaços de dominação e marcando o compasso de um biocontrole que caracteriza o tecnicismo médico até os dias atuais.

Notabilizou-se ao nosso olhar o quanto as humanidades podem contribuir para uma reflexão crítica sobre as práticas médicas e sobre o discurso em relação ao processo saúde-doença, bem entendido como algo que não significa a simples contagem de plaquetas, hemácias, taxas de glicose entre outros dados. Saúde e doença têm relação profunda com outros elementos como a economia e a cultura individual dos sujeitos. Saúde e doença são processos construídos por relações de subjetividade.

Esta subjetividade foi ferida em 1920 e continua obliterada até os dias atuais, esquecida que foi quando a ciência cartesiana passou a imperar e dominou a formação dos/das profissionais da área da saúde. Não queremos com isso desmerecer a técnica. Sabemos da sua importância e a respeitamos. O que queremos salientar é que a relação que se estabelece entre o sujeito doente e o/a médico/médica não é meramente burocrática.

Ela é uma relação que se estabelece entre seres humanos.

Neste sentido, pensamos ser esta a nossa contribuição com este trabalho. Queremos que o mundo pós-pandemia recupere esta marca de respeito às subjetividades, às diversidades, às alegrias e às dores que cada um/uma de nós carrega consigo. Porque é isso nos faz o que somos...

Humanos, como dizia o filósofo...

Miseravelmente (mas lindamente) humanos...

Pesquisador@s do LETAN/UEMS

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Márcia Maria de Medeiros

Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PPGES/UEMS). Coordenadora do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

Luiz Alberto Ruiz da Silva

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Especialista em Ciências do Envelhecimento Humano (CEHU/UEMS). Mestre em Ensino em Saúde (PPGES/UEMS). Pesquisador do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

Valéria Pereira da Silva Peraçolli

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Mariane da Silva Costa

Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBIC/UEMS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

Gustavo Bocon Lopes

Graduando do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBIC-CNPq/UEMS). Pesquisador do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

ÍNDICE REMISSIVO

A

alcoolismo 25, 62, 84
Archivos 21, 23, 27, 29, 32, 34, 38, 39,
42, 43, 44, 45, 49, 54, 56, 57, 58, 59, 60,
62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73,
79, 91
atividades remotas 93

B

baciloso 44, 45, 48
biocontrole 93
biomédico 9, 10, 13, 14, 17, 37, 40, 49, 56,
69, 82, 93

C

capitalistas 73
cenário nacional 22, 38
comportamento 46, 69, 83, 85
condições sanitárias 30, 52
Covid-19 93
cultura 94

D

discurso biomédico 9, 10, 13, 14, 17, 37,
40, 49, 56, 69, 82, 93, 96
discurso jurídico 82
distanciamento social 93
diversidades 94
doença 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 24,
43, 44, 52, 61, 63, 67, 70, 72, 73, 75, 78,
79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90,
94, 96
domínio jurídico-biológico 82

E

economia 30, 94, 96
ELA 24
Emolientes e revulsivos 14, 40, 42, 46, 48

Emolientes e sedativos 14, 40, 42, 45, 46,
48
enfermidade 24, 63, 70, 80, 81, 83
ensino 26, 28, 31, 33, 40, 93, 96
ensino médico 26, 40
experiências acadêmicas 26

F

Faculdade de Medicina 11, 13, 14, 17, 18,
21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33,
34, 35, 39, 40, 41, 42, 53, 55, 56, 59, 60,
66, 68, 71
FAMED 22, 35
família 13, 45, 52, 76, 85
FIOCRUZ 32, 35
formação 14, 15, 22, 25, 26, 39, 46, 55, 61,
67, 68, 71, 72, 74, 78, 84, 85, 90, 94

G

gestão hospitalar 26

H

higienismo 13, 14, 30, 33, 57, 60, 71
humanidade 93

I

indivíduos 62, 64, 82, 83

L

labor científico 21, 38, 57, 79

M

mecanismos de controle 73
medicações 24
medicina 12, 13, 14, 15, 16, 21, 23, 24, 25,
26, 28, 30, 31, 33, 35, 38, 46, 47, 48, 54,
55, 56, 57, 66, 74, 76, 78, 79, 81, 89

Medicina 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 88, 90, 91, 92, 93

médico 13, 15, 16, 18, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94

N

novo normal 93

P

população 14, 30, 52, 53, 55, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 77, 78

populações urbanas 30

Porto Alegre 11, 12, 13, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 49, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 66, 68, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 90, 91, 92

práticas médicas 29, 58, 66, 94

Q

questões médicas 32, 33, 58

questões sanitárias 13, 22, 29, 39

R

respeito 88, 89, 94

Revista Archivos 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 25, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 47, 51, 52, 53, 56, 57,

61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 79, 80, 88, 92, 93

revistas 21, 23, 38, 41

Revolução Industrial 82

S

São Paulo 11, 15, 19, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 50, 53, 54, 56, 71, 74, 79, 89, 91, 92

saúde no Brasil 22, 30, 39

saúde pública 22, 30, 31, 39, 52, 53, 56, 63, 66, 72, 78

século XX 10, 12, 14, 21, 30, 38, 44, 52, 54, 63, 72, 73, 77, 78, 80, 88, 90

sociedade 12, 14, 26, 30, 42, 55, 62, 63, 74, 84

Sociedade de Medicina 14, 18, 21, 22, 23, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 66

subjetividade 61, 88, 94

sujeito doente 43, 87, 89, 94

sujeitos 13, 18, 25, 28, 29, 33, 34, 56, 94

T

tecnicismo médico 93

TOTTA 15, 24, 36, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 92

trabalho 16, 17, 18, 25, 28, 33, 38, 41, 43, 47, 48, 53, 58, 63, 64, 68, 71, 73, 80, 81, 93, 94

transtornos mentais 25

U

UFRGS 10, 13, 22, 35

Um caso de suor azul 9, 15, 75, 80, 92

www.pimentacultural.com

**reflexões sobre
o discurso biomédico
na revista Archivos
Rio-grandenses
de Medicina (1920)**